Coimbra dovtora

POR HIPPOLYTO RAPOSO

PYRENE

EM COIMBRA:

Na Typographia de F. França
Amado. Editor. Anno MCMX.

COIMBRA DOUTORA

HIPPOLYTO RAPOSO

COIMBRA DOUTORA

PREFACIO DE JULIO DANTAS

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1910

Hic mihi iucundam liceat traducere vitam:
Hic mea, cúm moriar, molliter ossa cubent.

IGNACIO DE MORAES — *Conimbricæ incomiũ.*

AO

ILLUSTRE POETA

SENHOR CONDE DE MONSARAZ

Hippolyto Raposo foi-me apresentado, ha cerca de um anno, pelo meu querido amigo conde de Monsaraz. Já o conhecia de nome e de leitura pelas suas chronicas do *Diario de Noticias,* — meias columnas de prosa máscula, simples, serena, terminante. O bello rapaz que o eminente poeta da *Musa Alemtejana* me apresentou, beirão robusto e enorme, de larga envergadura, pulso firme e rasgado e limpido olhar, era bem o auctor d'essa viril e nobre prosa. Impressionou-me desde logo a sua forte e original figura, que a batina e a capigôrra negra da Universidade tornavam mais gigantesca ainda. Cheio de energia e de saude, de virtude e de bondade, com a tenacidade tradicional dos

beirões, dispondo — soube-o logo — de qualidades notaveis de investigação e de trabalho, estava ali, sem duvida, um homem destinado a triumphar e a vencer. Não me enganei. Pouco tempo depois, soube que Hippolyto Raposo concorrêra aos Jogos Floraes de Salamanca e que á sua *Memoria* sobre tradições universitarias de Coimbra fôra adjudicado um dos primeiros prémios. É essa memoria que hoje apparece a lume sob o titulo suggestivo de *Coimbra Doutora,* constituindo simultaneamente a revelação de um escriptor e de um erudito.

Só conheci o manuscripto da *Coimbra Doutora* quando, já depois de premiado, o auctor teve a gentileza de m'o enviar. Apesar de ter sido convidado para fazer

parte do jury e de ter acceitado a honra d'esse convite, não pude mais tarde, pela imposição de deveres officiaes, comparecer na residencia do Excellentissimo Bispo Conde, em Carregosa, para onde fôra convocado o jury portuguez, não tomando, por conseguinte, conhecimento de nenhum dos trabalhos apresentados ou sequer dos nomes dos seus auctores. Não foi, pois, com o meu voto que Hippolyto Raposo obteve o prémio que o distinguiu: mas, se estivesse presente na reunião da Carregosa, ter-lh'o-hia dado, porque os trabalhos probos e honestos não são infelizmente vulgares entre nós, e a *Coimbra Doutora* é, antes de tudo, um documento de extrema probidade litteraria. Poderá alguem, mais exigente, contestar á prosa

de Hippolyto Raposo esse caracter de forte individualidade que em geral só aponta com os primeiros cabellos brancos; o que ninguem com justiça lhe negará é o temperamento de escriptor de raça, a concisão e a nitidez da expressão verbal, a sobriedade máscula da estructura litteraria, e esse singular poder de evocação e de pintura que é o segredo dos grandes artistas e que constitue a qualidade fundamental do escriptor.

N'uma geração coimbrã de poetas, Hippolyto Raposo representa a ponderação, a reflexão, a sobriedade, — a prosa. Ao passo que Alberto Monsaraz e Antonio de Monforte, os moços e admiraveis poetas do *Romper d'Alva* e do *Tronco Reverdecido,* herdeiros do velho lirismo coimbrão,

blasonam da serpente d'oiro sobre campo verde, de Camões, o auctor da *Coimbra Doutora* ségue a douta tradição dos prosadores, tem habitos benedictinos de investigação e de cultura, uma notavel disciplina mental, um espirito preciso, sobrio e pratico, uma placidez fleugmatica de processos que não se compadece com as grandes obras de imaginação e de paixão. O primeiro livro de Hippolyto Raposo revéla precisamente as suas tendencias litterarias, as predilecções do seu espirito, o genero de trabalho em que o seu forte e real talento se compraz. É mais do que uma notavel revelação; é uma grave promessa. Nas paginas d'esta curta *Memoria* apresentada ao jury de Salamanca está o germen d'um historiador.

Que a vontade firme e a nobre energia do moço e já illustre homem de lettras persevérem no estudo e no trabalho, sem os quaes nada se obtém de duravel e de profundo, e que o ouro da sua prosa possa ainda servir para a cunhagem eterna de grandes paginas de restituição e verdade.

JULIO DANTAS.

GEERALL STUDO

GEERALL STUDO

Fez primeiro em Coímbra exercitarſe
O valeroso officio de Minerua,
E de Helicona as Musas fez paſſarſe
A piſar do Mondego a fertil herua:
Quanto pode de Athenas deſejarſe
Tudo o soberbo Apolo aqui reſerua:
Aqui as capellas da tecidas d'ouro,
Do baccaro, & do ſempre verde louro.

Camões — *Lusiadas.*

O *Estudo Geral* que Dom Dinís fundara em Lisbôa, a instancias dalguns abbades e priores e á custa das suas rendas, tendia a dar expressão definitiva á nacionalidade portuguêsa.

Consagrava a autonomia mental quando a politica já estava firmemente assegurada e garantia maior consistencia aos direitos reaes que o poder ecclesiastico vinha disputando com ardor e violencia.

Cansado de luctas, aquietara-se o castelhano e na linha da fronteira que a espada affonsina

limitara pelo oriente, erguiam-se castellos e atalaias vigiando o horizonte para terras de Espanha.

Deante dos bandos conquistadores inimigos do Propheta, ia a moirama levantando as tendas, a oscillação constante dos dominios do sul dava ao reino os sobresaltos dum acampamento até ao termo da posse do Al-Gharb que abria o mar ao destino das navegações.

De longe trazia Coimbra a fama das escolas cathedralicias nascidas, segundo parece, da acção convergente do Conde Dom Sisnando e do Bispo Dom Paterno, logo após a reconquista christã da cidade, em meados do seculo XI, no tempo de Fernando Magno.

No principio da monarchia, por extensos caminhos, iam ao centro da Europa estudantes portuguêses procurar a cultura, pensionados pelos morabitinos de el-rei Dom Sancho, e por lá foram illustres muitos delles que a partir do seculo XIII viviam em Bolonha, e não sabemos agora se o enthusiasmo pela sciencia arrastou alguns á rua *du Fouarre,* em Paris, a ouvir deitados em molhos de palha, os mestres ensinando das janellas baixas.

O certo é que Portugal offerecia para o esplendor da primeira renascença uma contribuição gloriosa.

Fernando de Bulhões, nobre e rico, partia do convento de Santo Antonio dos Olivaes para a Italia, embrulhado no burel franciscano, em busca da perfeição christã, professando depois theologia mystica por Montpellier, Padua e Tolosa e obrando prodigios, como os velhos theurgos syrios...

Na memoria do povo revive ainda, já pallida de seis seculos, a figura confusa de demonio e santo, sabio e bruxo, de Frei Gil de Santarem que foi, quando moço, discipulo em medecina de Mendo Diaz, depois do seu regresso de Paris, reinando Sancho I.

Gil Rodriguez vivia com seu pae que era do conselho de el-rei, seu mordomo e alcaide-mór da cidade de Coimbra, séde da côrte e onde já havia *mestres das boas artes e sciencias.*

Rico de beneficios ecclesiasticos de que o favor real o cumulara, veiu-lhe a ambição de completar os estudos e foi caminho de Paris ouvir os sabios.

Proximo de Toledo, o demonio vem propôr-lhe um pacto e offerece-lhe conduzi-lo ás *covas* para depois de bem instruido na arte magica, curar todas as doenças e o moço acceita alvoroçado a seductora promessa.

Abjurava da fé de Christo em que nascera e fôra ordenado de presbytero, por um documento escrito com sangue do proprio braço

entregava a alma ao demonio e quando chegou a Paris, logo a universidade o graduou, que nunca ali fôra visto tam agudo ingenho.

Certa noite em que estudava com fervor, appareceu-lhe um cavalleiro armado, aconselhando-o a mudar de vida e, após sucessivas visões, resolve abandonar a sciencia profana e tomar o habito de S. Domingos em Palencia (Espanha), aquelle negativista atheu da escola de Paris.

No mosteiro aonde fôra procurar a paz, perseguiam-no ainda mais as tentações de que só viria liberta-lo a oração pelo auxilio da Mãe dos Peccadores, a cujos pés veiu caír um dia o pergaminho ensanguentado do juramento toledano...

Agora voltava o frei a Paris, mas pobre e humilde, sem o sequito lustroso doutróra, o orgulho feito piedade e amor da sciencia divina de que por más artes de Lucifer andou arredado e quasi a caír em eterna perdição (1).

Dante cantou o philosopho Pedro Hispano como um dos maiores doutores do tempo, auctor das *Summas aristotélicas* que illuminaram

(1) Frei Luis de Sousa, *Historia de S. Domingos*, vol. 1, folh. 83 e segg. e Duarte Nunes de Lião, *Descripção de Portugal*, ed. 1610, pag. 77 e seg.

a metaphysica medieval, servindo de canon para o estudo das *artes* em quasi todas as universidades europeias até ao seculo XVI e creando tal prestigio ao nome do nosso compatriota que o collegio dos cardeaes o elegeu papa com o nome de João XXI.

Do periodo prèuniversitario português vem ainda a tradição de Dom Pedro Alfarde, conego regular, doutor parisiense e Dom Frei Alvaro Paes, discipulo illustre do *Doctor Subtilis* (Joannes Duns Scotus), adversario de Santo Thomás em notaveis polémicas theológicas que determinaram a perpetua rivalidade entre franciscanos e dominicanos.

Dom Dinís recebera o reino tranquillo e para o tornar prospero, não faltava ao neto de Affonso, o Sabio, fundador da Universidade de Salamanca, a necessaria cultura de espirito.

A nacionalidade ia tomando consciencia de si, trovadores e jograes diffundiam o gosto pelas letras, despertando a rudeza do povo e dos nobres para quem já começavam a vir pergaminhos de Paris e Roma.

A lingua, até ali rude como os costumes, saía rediviva dentre a confusão dialectal, determinada pela dissolução do latim, cuja rigidez fôra sempre temperada ao calor do genio peninsular.

O *sermo rusticus* já ia longe, cada vez mais improprio para a expressão de sentimentos delicados que lá da Proença começaram a acordar os espiritos, adormentados das fadigas guerreiras.

Á côrte vinham chegando trovadores aos bandos que a paz do reino convidava á vida dos castellos e a sua linguagem quasi commum a toda a peninsula, doce e maviosa, echoava brandamente, como um toque a despertar para uma era nova.

Os tabelliães e funccionarios que barbarizavam o latim e imitavam nos instrumentos publicos as formulas dos foraes — ao ouvirem o rei e os infantes trovar na lingua incipiente, esqueceram o velho costume, honrando na escrita a linguagem vulgar (1).

O rei que pelas concordatas nacionalizara a igreja, que em metro e rima fixava as formas indecisas do idioma, já maravilhoso de harmonia e plasticidade — promovia por todos os meios o progresso material do país e, creando as escolas de Lisboa, proclamava solemnemente a emancipação nacional.

O que seria essa universidade medieva nos costumes e vida, á falta de documentos, podemos conjectura-lo com alguma segurança pelo

---

(1) Adolpho Coelho, *A Lingua Portuguêsa*, pag. 27.

confronto com os das outras que na Europa tinham então fama de celebres e que para cá enviavam já mestres os discipulos doutróra.

Instituição formalmente religiosa, habitos e regra quasi monacaes que cinco mudanças em duzentos e cincoenta annos mal deixariam radicar.

Alunos quasi todos pobres, acorriam das provincias com destino a sacerdotes e com a ambição das dignidades ecclesiasticas a que os graus academicos davam accesso, escurecendo humildades de origem.

A nobreza desdenhava a instrucção e um moço fidalgo jámais hesitou na preferencia pelas subtilezas das *artes* e meandros das glossas bolonhêsas ou pelas sortidas de caça com trombetas a resoar, seguidos da falcoaria...

A cultura importava um sacrificio a que era humilhante entregar-se a gente bem-nascida.

Os escolares, filhos do povo em geral, trabalhavam para melhorar a condição do nascimento e punham nesse empenho o exforço desvelado de quem se liberta.

A estes, nem os cuidados do estudo lhes deixavam tempo de folgar, nem a indole os devia incitar á turbulencia que a humildade desapprovava e os habitos de clerigo defendiam.

Numa desavença com a população do bairro, irritada com os privilegios excessivos dos escolares, queixavam-se os canonistas ao Rei-Justi-

ceiro de que o conservador da Universidade lhes applicava penas das leis estranjeiras das *Siete Partidas,* em vez do direito que aprendiam dos mestres.

E pouco frequentes deviam ser estes conflictos pela condição da maior parte dos estudantes que a esse tempo seguiam os cursos em Lisbôa ou Coimbra, embora a pretexto delles e por causas bem differentes, a Universidade se transferisse algumas vezes.

Os escolares leigos, em menor numero, viviam fóra da clausura e usavam armas ao costume da época, provocando desordens, cantando entre o povo, até ridicularizar os actos religiosos e parodiar a liturgia em tabernas e praças, como possessos de diabolismo feroz.

Dessa vidairada para que a condição escolar tem encontrado desculpa e até justificação, através dos tempos, chegando as concessões privilegiadas a alargar-se na tolerancia dos costumes — ha vestigios na poesia popular antiga e nas collecções dos proverbios:

Estudante
Bargante
Chapeu d'alguidar
Com o sentido nas moças
Não pode estudar (1).

(1) Theophilo Braga, *Historia da Universidade de Coimbra,* vol. 1, pag. 85.

Para a fundação do Estudo Geral não cooperou o alto clero, certamente ainda ferido das dissenções com a corôa.

Na supplica dos ecclesiasticos dirigida ao papa Nicolau IV para mandar a confirmação do Estudo já estabelecido em Lisbôa, inutilmente se procurará o nome de um bispo (*).

Todos elles defendiam os rendimentos das igrejas dos encargos que a Universidade lhes trazia e ao mesmo tempo em que procuravam combater a pretensão do rei — eram os priores e abbades que se punham a seu lado, facilitando-lhe o plano.

O pontifice respondeu benignamente e a bulla de Urbieto (1290) concedia ao *Estudo* de Lisbôa *(Universitati Magistrorum et Scholarium Ulixbon.)* os primeiros privilegios apostolicos das universidades da Espanha (1).

No mesmo proposito e a conselho do papa, esse Rei-Trovador que tem na historia cinco seculos de gratidão, mandava ás auctoridades respeitar e proteger muito especialmente as coisas e pessoas dos estudantes, isentava-os de certos tributos, concedia-lhes fôro privilegiado e a faculdade de elegerem annualmente os dois

(*) Vid. *Nota A*, no fim.

(1) Frei Manuel do Cenaculo, *Memorias historicas do Ministerio do Pulpito*, pag. 105 e seg.

reitores, conselheiros, bedel, officiaes, e de elaborarem os estatutos — organização tam democratica que é uma aspiração do presente e faz inveja a tantos seculos de distancia (1).

Numa serie de diplomas, providenciava Dom Dinís sobre a installação da Universidade em Coimbra, coutando a cidade para cima da Porta de Almedina, onde ninguem que não fôsse estudante podia *pousar*, mandando fazer a eleição dos taxadores e regulando as horas do estudo pelo toque da ronda, tres vezes, no sino grande da Sé.

Os proventos dos mestres (artes, canones, leis e medecina) eram constituidos pelas *talhas* que os estudantes pagavam, conforme os haveres de cada um.

Muitos dos que pagavam talhas menores, por sua pobreza, occorriam á necessidade do pão quotidiano pedindo esmola a cantar em verso, como mendigos vulgares, de terra em terra, ou recebendo o caldo á porta dos conventos para o que levavam a colher que subsiste ainda symbolicamente nos chapeus escolares dos estudantes de Sant'Iago de Compostella.

Em Santa Cruz de Coimbra, depois da mudança de Dom João III, davam-se diariamente

(1) Provisão de 15 de fevereiro de 1347.

por sua ordem e intenção do fundador S. Theotonio, vinte e quatro *rações cobertas* a outros tantos estudantes pobres, com cujo auxilio muitos delles se graduaram, como refere o chronista da ordem (1).

Posteriormente, a irregularidade da alimentação determinou a funcção academica de *andar á lebre* que consistia em visitar os amigos á hora das refeições, dando-se por achado e occultando a penuria do seu viver.

Quando Dom Fernando cuidou a serio da Universidade, teve de mandar vir professores do estranjeiro, cuja recusa a ler em Coimbra justificou a transferencia das escolas para Lisbôa onde se ficaram já ensinando as sete vias da sciencia ou artes liberaes: grammática, logica, rhetórica, arithmética, música, geometria e astronomia *(trivium* e *quatrivium).*

Por então alcançou o rei do papa Gregorio IX que na Universidade se dessem os graus de doutor e bacharel e se usassem as insignias respectivas (2).

---

(1) Dom Frei Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos Conegos Regrantes de Santa Cruz*, VII, 64 e Theophilo Braga, *obr. cit.*, tom. I, pag. 478 e seg.

(2) Frei Manuel do Cenaculo, *obr. cit.*, pag. 107 e Leitão Ferreira, *Noticias Chronologicas da Universidade*, pag. 188 e seg.

CONQUISTA & NAUEGAÇÃ

CONQUISTA & NAUEGAÇÃ

Creçe seu mando, seus rreynos alargua
per seus capitaes na jente ynfiell
o gram poderio d'mouros em bargua
em gram quatidade per guerra cruell.
. . . .
Leuando consigo a bandeyra rreall
que nunca vençida se pode dizer
pois he jnuencivel aquelle sinall
. . . .

Do *Cancyoneyro Geerall.*

A lenda do mar tenebroso contivera em respeito durante toda a edade media, os povos do occidente.

Ao longo das costas, contavam-se casos mysteriosos, retalhos de narrativas dalguns navegadores do norte que se aventuravam ao largo e eram expellidos bravamente para terra, maltratados das ondas em furia.

Conjecturas vagas de frades e astrologos judeus, juntas a tradições de viagens pela costa d'Africa e memorias arabes que ficaram do

Almagesto, de Ptolomeu — povoavam de sonhos a imaginação das gentes do litoral.

Havia regiões distantes de que os mercadores traziam noticia com riquezas para a Europa.

A ambição dos principes já conquistara Ceuta, era o primeiro passo da expansão maritima — apenas se mudaria de rumo, e a segui-lo por toda a odysseia do seculo xv, se foi dando satisfação ao anseio de penetrar o mysterio do Atlantico, devassando-o a preço de vidas.

Nos lares quietos da provincia, os que ficavam iam rezando cada noite *por aquelles que andam sobre as aguas do mar.* Portugal era um país maritimo logo no nome...

A mesma bandeira que se erguera em Ourique sobre os hombros de Affonso Henríquez e nos muros de Silves, coroava os gothicos da Batalha num dia de victoria, subia aos mastros das caravellas das mãos do Infante de Sagres, atravessava tropicos e equador até dominar o infinito dos mares e a terra sagrada do Ganges onde haveria depois vice-reis a arriscarem filhos por cada pedra duma fortaleza.

Toda a nação se alvoraçava. Nas rotas d'Africa, os marinheiros só tinham de temer os feitiços das sereias ou, debruçados das

naus, ouvir gemer as *almas-de-mestre,* penando na solidão dos mares.

A côrte de Dom João I aonde a rainha inglêsa viera reavivar as tradições normandas, era no seculo xv um simile das do tempo da *Tavola redonda:* nos serões do paço liam-se com enthusiasmo a *Demanda do Santo Graal,* as novellas de *Galaaz* e *Merlim* e sobre o espirito dos cavalleiros e nobres, as figuras lendarias da idade media tinham a suggestão que sobre os capitães da India viriam mais tarde a exercer os heroes de Plutarco.

Aquella loira rainha que entrara tam friamente na côrte portuguêsa, viera purificar-lhe a atmosfera moral com a virtude do seu exemplo e pelo prestigio que lhe ganhara o seu amor aos principios da honra, conseguiu educar milagrosamente uma sociedade dissoluta (1).

A transferencia da Universidade para Lisbôa trouxera-lhe uma difficil crise economica, quando as igrejas lhe retiraram as rendas. A primitiva organização autonoma foi desrespeitada logo por Dom João I pela nomeação dum Provedor e Recebedor que sempre tinha sido eleito pela collectividade.

(1) Julio Dantas, *Outros tempos,* pag. 39 e seg.

Dom Affonso V, nomeando professores livremente, experimentava e vencia a hostilidade dos escolares, lesados nos antigos direitos de eleição.

A tendencia para a absorpção politica foi-se alargando a todas as instituições nacionaes e a perda da autonomia corporativa da Universidade começa nas medidas legislativas de Dom João II que lhe tirou o direito de asylo e nas de Dom Manuel que fez e mandou observar uns estatutos.

Á situação angustiosa que a mudança de Dom Fernando determinara, veiu valer de muito a eleição do Infante Dom Henrique para o cargo de Protector que soube honrar dignamente.

Installou as escolas em casa propria, fez-lhes algumas doações e alargou o quadro dos estudos introduzindo a mathemática (astronomia e cosmographia) e dotando a theologia com as rendas duma igreja de cada bispado, conforme a bulla de Alexandre V, expedida a Dom João I.

As salas já não eram as paredes monasticamente nuas, porque o Infante-Protector cuidou da sua decoração, mandando pintar um Galeno na aula de medicina, na de theologia a Santissima Trindade, um pontifice na de decretaes, na de artes (philosophia natu-

ral e moral) um Aristoteles e na de leis um imperador.

A invasão humanista ia penetrando lentamente nos claustros, e na côrte, depois de Dom Dinís, nunca houvera tam alto enthusiasmo pelas letras.

As viagens do Infante Dom Pedro vinham revelar o grande movimento intellectual da Renascença que elle mesmo impulsionava, escrevendo o *Tratado da Virtuosa Bemfeitoria* e traduzindo obras latinas.

Imitando-lhe o exemplo, o condestavel Dom Pedro, seu filho, prosador e poeta, era um dos collaboradores do cancioneiro de Resende e recebia do Marquês de Santillana o celebre *Proemio,* sobre a poesia provençal.

Dom Duarte, essa sombria figura de neurasthenico, escrevia tristemente o *Leal Conselheiro* e o *Livro da Ensinança* e tinha no seu convivio intellectual e privado para o inspirar hora a hora, o doutor Diogo Affonso Mangaancha que é neste periodo a mais perfeita expressão da renascença portuguêsa e um dos mais extraordinarios homens do seu tempo (1).

Com Dom Antam, bispo do Porto, com o doutor Vasco Fernández, o Provincial de

---

(1) Theophilo Braga, *obr. cit.*, II, pag. 14 e seg.

S. Domingos e Frei Gil de Tavira, foi o doutor Diogo Affonso na embaixada que, presidida pelo Conde de Ourem, Dom Affonso, o rei Dom Duarte enviou ao concilio de Basileia.

Chegados a Bolonha, o doutor Vasco Fernández, em consistorio dos cardeaes, fez uma oração que mereceu applausos de todos, mas o assombro dessa embaixada e do concilio foi o *auto de ostentação* do doutor Mangaancha, na igreja de Sam Petronio, em que elle arguiu em latim contra os mais sabios bispos e canonistas do papa Eneas Sylvius (1).

Á iniciativa deste doutor se deve uma instituição nova que viria a trazer grande progresso aos estudos de Lisbôa: era o collegio para *escolares pobres*.

Legava-lhe em testamento a sua livraria e a casa de habitação *da beira de Ssam Jorge*, prescrevendo tam minuciosamente o regimen economico, disciplinar e hygienico do collegio que era para se dispensar nelle outra intervenção directora no futuro.

O Infante Dom Pedro, reconhecendo o desastre que para os interesses da sua cidade ducal representava a fixação definitiva da Universidade em Lisbôa, pretendeu crear outra

(1) Leitão Ferreira, *obr. cit.*, pag. 351 e seg.

em Coimbra, durante a regencia do reino em nome do sobrinho (1443).

Do seu intendimento com o bispo e cabido de Coimbra e demais dignidades ecclesiasticas, resultaram doações importantes para custear as despêsas da nova Universidade, mas as intrigas que vieram a victimar o duque em Alfarrobeira, não lhe permittiram porventura a execução do seu plano.

Por uma provisão datada de Cintra, no primeiro anno do seu reinado, Dom Affonso V ordenava que se creasse o projectado estudo, porque *não convinha haver no reino uma só universidade.*

Esta attitude que traduz um assentimento a uma aspiração do Regente, retalhado pouco antes pelas lanças do rei, leva a suppôr que Dom Affonso cêdo reconheceu a innocencia do tio e sogro, para o que não seria indifferente a influencia da rainha Dona Isabel, interessada naturalmente na rehabilitação da memoria do pae (1).

Ignoram-se inteiramente as causas que impediram o cumprimento daquella provisão e, a ter-se dado, differente sentido havia de seguir por certo a evolução mental portuguêsa.

---

(1) Theophilo Braga, *obr. cit.*, pag. 147 e segg.

A universidade de Lisbôa que nunca attingiu em qualquer periodo o brilho da de Coimbra, tinha caído em descredito nos fins deste seculo e principios do seguinte: os logares compravam-se descaradamente e a frequencia ía diminuindo pela febre das conquistas.

Os estudantes que íam para as aulas no Campo da Pedreira, no bairro d'Alfama, viam as naus, presas na amarra, fluctuando ao claro sol sobre as aguas do Tejo e sentiam que o caminho da gloria no dorso duma caravella seria mais arriscado, mas decerto mais curto do que segui-lo em annos de trabalho, ouvindo a Pedro Núnez lições do *Tratado da Esphera* e graduações do astrolabio e a Garcia d'Orta a leitura de Galeno.

Nem as noticias que constantemente traziam os da navegação e vinham alvoroçar os genios de aventura, nem a physionomia cosmopolita que Lisboa-mercadora ia tomando, de envolta com os terrores da peste que matara o professor Agostinho Micas (1525) — deixavam quietação aos estudos que os mestres pediam fôssem fechados e que já em Coimbra se cultivavam com fama.

Nesse periodo de crise, a universidade portuguêsa eram na realidade os collegios de Santa Cruz.

Para a futura reforma de Dom João III, bastava dar feição legal e alargar a acção benemerita dos conegos regrantes.

Ás escolas das collegiadas, dirigidas por religiosos de differentes habitos, que com sorte varia existiram do principio em Coimbra, á sombra dos mosteiros — substituiram-se os collegios de *Todos-os-Santos* para *estudantes honrados pobres (os Pardos)* e o de S. Miguel, a dentro da clausura de Santa Cruz, destinado a canonistas *(os Roxos)* que recebia os fidalgos abastados.

Nelles vieram ensinar depois da reforma de Frei Brás de Barros, os mestres Pedro Henríquez e Gonçalo Álvarez (grego e hebreu), o padre Dom Damião (artes), o padre Dom Dionisio de Moraes (canones) e outros sabios que em Coimbra preferiram ao scholasticismo antigo, os methodos pedagógicos de Pedro Ramus (1).

Pelo mesmo tempo (1527) vinha Sá de Miranda ler e commentar Homero no original e inaugurar as formas poeticas do quinhentismo, Diogo de Gouveia era convidado em París para a comissão de hellenistas que revia o texto dos Evangelhos da edição de Robert Etienne, e

---

(1) *Chron. cit.*, part. 2, pag. 300.

Damião de Goes, amigo intimo de Erasmo e o latinista André de Resende faziam pelas universidades europeias a sua educação de altas humanidades.

Para Coimbra, aonde Dom João III se refugiara da peste, vẽem ensinar os *bolseiros* d'el-rei que estudavam em Paris, no collegio de Santa Barbara de que era *principal* Diogo de Gouveia. Logo após a trasladação, se constitue um nucleo de sabios portuguêses e estranjeiros, contratados e attraídos por condições quasi atálicas, á ordem do rei, cuja grandeza e poder eram cantados em verso latino (1).

Muito solicitado, André de Gouveia partia a custo de Bordeus onde estava dirigindo o collegio de Guyenne para vir com outros professores illustres ordenar o das *Artes,* quando já eram insufficientes os que havia á volta do mosteiro de Santa Cruz.

(1) Ingenti veteres sumptu renovavit Athenas
Eximiosque viros, qui sacra arcana revelent,
Pontificum Decreta, et Legum enigmata pandant:
Qui morbos abigant, qui Coelum et sidera monstrent,
Imperat acciri: Merces proponitur illis
Magna; sed est maior Regi placuisse benigno
Gloria. Complutum linquunt, Sequanaeque fluenta:
Denique et Aoniae linquunt Helicona Sorores.
Regia sic docto Conimbriga vertice Coelum
Tangit et immensis jam civibus aucta superbit.

MANUEL DA COSTA — *De Conimbricensi Academia Carmen.*

A morte inesperada cortou-lhe a aspiração de o ver prosperar, mas ainda lhe deixou tempo de indicar o humanista-philosopho João Gelida, para lhe succeder em Bordeus e Diogo de Teive em Coimbra, como que fazendo um testamento profissional em que iam compromettidos os interesses e as esperanças da sua obra educativa.

No tumulo do illustre pedagogo, uma das mais altas incarnações do humanismo francês, a sua memoria recommendava-se á posteridade nestes versos que o mau azar apagou ha muito:

> Julia Pax genuit, rapuit Conimbriga corpus
> Excoluit mentem Gallia, Olympus habet.

Dom João parecia louco de enthusiasmo — Mecenas gigantesco, irrisoriamente condemnado a destruir a propria obra.

O seu nome era venerado nos centros mais cultos do estranjeiro e o grande mathemático João Fernel dedicava-lhe a *Cosmotheoria* em que se exaltava a acção dos portuguêses no descobrimento da terra.

Censuravam-no ministros pelo dispendio com escolas, emquanto faltava dinheiro para os soldados da conquista.

Corria fama dos estudos de Coimbra, as linguas classicas falavam-se e escreviam-se como

idioma patrio, os sabios permutavam-se em toda a Europa, universalizados na cultura, vinham fidalgos aprender ao lado dos filhos do povo e já a Universidade de Coimbra era a primeira das Espanhas.

ATHENAS ESSE CREDIMVS

ATHENAS ESSE CREDIMVS

> Vimos rir, vimos folgar
> vimos coufas de plazer
> vimos zombar, apodar,
> motejar, vimos trouar
> trouas que eram para ler.
>
> GARCIA DE RESENDE — *Miscelanea.*

Meados do seculo XVI, dia lectivo.

Mal rompia a manhã, os sinos dos mosteiros despertavam para matinas, além do rio; ainda a cidade dormia na paz doirada do outomno e já os escolares accendiam as candeias para as lições de prima.

Dum e outro lado acordavam rumores, vozes madrugadoras soando claro, na humidade do ar, pelas viellas.

Martelavam ferreiros e na extensão desegual da casaria perpassava uma confusão sonora, como um bocejo da cidade toda.

Clareava.

Ao sol tremulo, adensado de vapores, aloirejam as cantarias do castello de Martim de Freitas e quem subisse ao topo ameado da fortaleza, via do alto quebrar-se aos angulos a linha da muralha torreada a cingir ainda o espaço para occidente do burgo medieval.

Para o largo, *os saudosos campos do Mondego,* mar de verdura tranquillo por onde os olhos correm sem asperezas, até ás brumas cinzentas do mar.

Doutra banda, a curva ritmica dos montes, a prolongar-se brandamente até se perder no azul da cordilheira, diluida em nuvens, ao fundo do horizonte.

Nas encostas, a paisagem desenrolando-se, a meditar na ramagem cónica dos ciprestes, melódica na graça pagã dos bosques de loireiro e nas vegetações da cultura rural.

Ali perto, aonde alcança a sombra dum torreão, o arco tosco do Paço da Alcaçova, por onde vão atravessando hirtas e leves no andar, figuras encapuzadas de monjes.

Da torre da Sé cai, lento e lento, o toque para o côro e continua a ouvir-se uma toada de sinos, constante, pelos ares, quebrando-se de longe nos echos, missas aos centos, piedade fervorosa a encher as igrejas.

Reza Coimbra inteira que com os annos transpôs as muralhas, alongando-se rio abaixo, por onde as casas marginaes reflectem os perfis prismáticos.

Proximo das nove, a sombra dos quadrantes, marcando horas em seculos de paciencia — inclina-se ligeiramente nos muros de vedação dos velhos palacios.

Hora de *tertia* a que ninguem falta. Escolares, ruidosamente passam, aos grupos, cruzam-se, chamam-se de cada lado e vão subindo para a Alcaçova.

Manteu talar, enrocado modesto ou *collares chãos,* loba a meia perna, borzeguins inteiriços e na cabeça, barrete redondo ou de cantos.

Movimento e vida, do rosto a transluzir-lhes o enthusiasmo que a Renascença intornava nos espiritos, na sêde renovadora de paganismo espiritual.

Desenrolam-se pergaminhos: lá vão theologos ouvir commentar a Escriptura ao doutor Affonso do Prado, os canonistas têem um sabio que recentemente trouxera de Salamanca a intervenção de Carlos V, o doutor Aspilcueta Navarro e ha em Coimbra uma admiração quasi idolátrica pelo nosso doutor Antonio Luís, o *Grego,* que lia Galeno e era o precursor de Newton.

E aquellas centenas de moços a quem os estatutos impunham sob multa, a obrigação de falar latim ou grego, accentuavam as velhas linguas com a sobriedade classica de patricios entre as columnas jonicas dum *atrium.*

Findavam as aulas após a hora de leitura e ás portas quedavam os mestres, esperando as perguntas, duvidas e reflexões dos estudantes que saíam enfiando os barretes, uns sobre outros, em movimentação quasi febril, longas cabelleiras poisando nos abanos brancos do manteu uma chusma rumorosa que logo vai dispersando fóra das portas do Arco.

Na vespera das festas religiosas, á lição de *prima,* os bedeis com as maças de prata percorriam os Geraes, annunciando o préstito que da Capella onde todos se reuniriam na manhã seguinte, havia de seguir para os collegios ou igrejas da cidade a assistir ás missas e pregações.

A Universidade mantinha quasi desde o principio, uma forte organização corporativa, facto nada estranho, antes muito harmonico com as tendencias associativas da epoca. O velho *Studium* transformara-se na *Universitas magistrum et scholarium,* á maneira das

irmandades peninsulares ou da *Guild* germanica cuja jerarquia foi adoptada: *rector, conciliarius.*

No ritualismo, transparecem reminiscencias medievaes da cavallaria: a imposição do barrete e da murça (manumissão), os graus, o pagem, o annel e o beijo fraterno, a *accolade* symbolica das festas da investidura.

Para Coimbra passava a confraria de Nossa Senhora da Luz fundada pelo Infante Dom Henrique e mantida á custa das esmolas dos associados, lentes e estudantes que os mordomos esperavam á porta das aulas com caixas para o óbulo.

Com a apparencia dum intuito puramente piedoso, esta instituição traduzia a necessidade de aproximar mestres e discipulos e destinava-se a auxiliar materialmente os socios em caso de doença para que o boticario da Universidade dispensava remedios — á semelhança das irmandades dos mestéres dos seculos anteriores.

A confraria incorporava-se sempre nos préstitos religiosos que eram muitos e onde tinham logares proprios os collegios ou escolas menores, compreendidos nos privilegios da Universidade.

Á frente do pallio, os capellães, a cruz da Capella, moços em sobrepelliz com ciriaes e

a seguir, os collegios ordenados pela antiguidade e com uniformes de diversa côr.

Detrás, no logar de honra, o reitor e junto delle o guarda das escolas com a vara para deter a gente, o secretario e o mestre de ceremonias com o seu bordão de prata e os bedeis com as maças aos hombros.

Emquanto o cortejo caminha, o sino tange demoradamente.

Puniam-se com perda d'anno e até exclusão dos cursos, os alunos que faltassem voluntariamente a estes actos e nenhum podia prestar prova final sem certificar ter cumprido o dever religioso da confissão pela Pascoa, Pentecostes, Todos os Santos e Natal.

Semanalmente, fazia-se *a feira dos estudantes,* no local assim chamado ainda hoje, os vendedores eram obrigados a expôr os productos para cima da Porta de Almedina e antes das duas horas, apenas era permittido fazer compras ás pessoas privilegiadas da Universidade: mestres, estudantes, officiaes.

Para garantir o direito da preempção, vigiavam a feira dois almotacés a quem incumbia tambem distribuir a carne nos açougues da Universidade.

Percorriam todo o mercado com as varas vermelhas da sua auctoridade e tinham sob si

o meirinho e seus homens para evitar que algum vendedor levantasse as *taxas* ou preços das mercadorias.

De tres em tres annos, quatro taxadores, dois da Universidade e dois da cidade, taxavam as moradas do reitor, lentes, estudantes e demais pessoas universitárias. Por um edital, annunciava-se que tal rua ou bairro seria taxado e na vespera deitava-se pregão para que todos os moradores ficassem nas casas para as mostrarem.

Bastante amplos eram estes privilegios de moradia para a simples vontade dum privilegiado fazer anullar contractos licitos e desalojar arrendatários, ainda que por mais de dez annos.

O senhorio a quem o estudante prestava boa fiança, recebia a importancia da renda ás prestações e não podia em caso nenhum aumenta-la ou exigi-la junta, sob pena de perde-la.

Os estatutos eram severos e inexoravel a justiça do fôro académico (ecclesiastico) que os papas continuaram confirmando.

Nos trajes não se podia usar seda, eram prohibidos os collares de renda ou trancinhas, as capas de capello cerrado, os golpes, entretalhes, os piques, os botões ou fitas nas botas e

sapatos. As transgressões eram punidas com a perda do vestuario ou calçado e com multa especial, metade da qual se destinava ao accusador para aguçar a vigilancia.

E exerciam-na meudamente á ordem do reitor, todos os officiaes para que nenhum estudante tivesse besta de sella não recebendo de renda annual cento e cincoenta mil reis ou mais; para que a pé nunca levassem consigo mais que um moço e a cavallo, tres, nem possuissem cães e aves de caça, nem vivessem em casa com mulheres suspeitas, cuidadosamente prohibidas de habitar a parte alta da cidade. Era-lhes vedado usar armas offensivas ou defensivas, sequer faca ou canivete: sendo-lhes encontradas, perdiam-nas em beneficio do meirinho que ainda applicava a multa respectiva.

Tanto rigor de prohibições deixa suppôr que abusos frequentes ultrajassem os estatutos, indomaveis como seriam tantos moços com habitos e tradições guerreiras e já tam distanciados da condição humilde do escolar clerigo. O estudante deste periodo é brigão e espadachim, arruaceiro, ousado e de noite, em sortidas perigosas, bate-se valentemente na sombra das viellas em duellos sangrentos.

O exemplo vinha de *Santa Barbara* onde os escolares traziam occultos debaixo da capa,

a espada e o bacamarte, e das universidades espanholas em que os conflictos tomavam aspectos gravissimos.

De Camões se sabe que era destemido duellista e que teve um encontro célebre na praça de Sansam por motivos de amor.

Temos noticia de que nas universidades de Espanha quasi identicas prescripções eram observadas na disciplina escolar.

Em Salamanca, por exemplo, nenhum estudante podia dormir em cama de seda, nem possuir colgaduras e calças de tela de oiro e prata, cominando-se aos transgressores a pena de perda dos objectos e a de desterro ou expulsão perpetua da universidade.

Para não ser illudido o rigor da observancia, ordenava-se que os alfaiates e sapateiros que fizessem aos estudantes vestuario ou calçado, em condições reprovadas pelos estatutos, pegassem seis mil maravedís.

O luxo da sêda limitava-se ás guarnições: « *qualquier estudiante pueda traer loscollares de la loba, manteo e sayo, guarnezidos com seda* ».

Para as escolas, todos tinham de ir a pé, porque não lhes era permittido utilizar qualquer meio de locomoção — carro, liteira ou cavallo.

O rigor dos estatutos salmanticenses não resistia á paixão taurina que obrigava o legislador a feriar os dias de corrida: « *los dias de toros no se lée por todo el dia, y no quitan el asueto* » (1).

A severidade da legislação espanhola para os perturbadores dos bairros escolares, ia muitas vezes até á pena de morte: *per gulam moriturus sine omni remedio suspendatur* (2).

Na universidade de Huesca e noutras não havia traje obrigatorio: usavam o que queriam, contanto que fôsse honesto, sem côres vivas, seda ou ornatos caros.

Em certos dias do anno, especialmente pelos Reis Magos, organizavam-se em Coimbra festas nocturnas, as *soiças,* em que os estudantes appareciam com os fatos do avesso ou cobertos de farrapos, mascarados e livres, por antiga praxe, de toda a intervenção das auctoridades.

Havia excessos e abusos com largueza que uma provisão regia (1541) cohibia, não permittindo as *soiças* para o futuro, por serem muito dispendiosas e improprias de estudantes,

---

(1) Estatutos hechos por la muy insigne universidad de Salamanca, 1625.

(2) La Fuente, *Historia de las Universidades.* Universid. de Lerida, tom. 1, pag. 137.

e ainda outras providencias se succederam sem resultado efficaz.

As *soiças* morreram com o tempo, mas dellas devem derivar ainda as *latadas* no dia do ponto que nalguns annos têem resurgido de improviso, ruidosamente (1).

Algumas festas do Calendario religioso — Corpus Christi, Natal, Pentecostes — eram solemnizadas pelos escolares com manifestações de regozijo, havendo musicas e representações de comedias clássicas, de Plauto e Terencio, quasi sempre.

Camões escrevia para uma dessas festas o *Auto dos Emfatriões* e coadjuvavam-no os seus amigos e companheiros, Jorge Ferreira de Vasconcellos e o doutor Antonio Ferreira.

Quando o filho do Infante Dom Luís e futuro Prior do Crato concluiu os estudos, representou-se em latim por ordem do Geral, a *Tragedia do Gigante Golias,* na Claustra da Portaria, com a assistencia de Dom João III, da rainha Dona Catharina, do principe Dom João e da infanta Dona Maria, a sabia princêsa, filha de Dom Manuel.

O uso destas representações manteve-se no seculo seguinte, mas o enthusiasmo já estrangulado nas pesadas tragicomédias dos jesuitas

---

(1) Theophilo Braga, *obr. cit.*, vol. 1, pag. 478.

que alongavam por tres e quatro dias o supplicio dos espectadores.

Muitas vezes, os divertimentos escolares degeneravam em tremendas desordens e lá íam para a cadeia, deante do meirinho e rodeados de verdeaes, os discolos e turbulentos.

Cadeia houve-a sempre na Universidade para os estudantes e seus creados, officiaes, etc. e ainda hoje se mantem, posto que rarissimas vezes esteja habitada.

Era costume antigo das damas de Coimbra enviar aos reclusos com o seu affecto, doces e flôres e por parte dos camaradas, uma companhia alegre entre guitarras e zabumbas, amenizavam o horror do carcere e quasi o tornavam invejado.

A partir do triumpho do regimen liberal, o fôro conserva-se mais com feição disciplinar que judiciaria e já destituido do caracter privilegiado doutros tempos.

E muito deviam ter servido as prisões até ao meado do seculo XIX, porque ainda agora se podem ler nas portas dos carceres algumas inscripções e nomes meio apagados: « *Aqui jazeu N. N. 1814; N. N. 1829; Oh! vos qui transitis ... 1832* ».

Quem desce aos depositos subterraneos da Bibliotheca, lê naquellas datas sinistras um periodo de violencias e martyrio e adivinha o

horror de mêses inteiros dentro das masmorras fortemente gradeadas, cubiculos humidos onde um homem não cabe deitado, que encerraram tantos estudantes defensores da causa liberal e aquelles que para vinga-la, mataram os lentes em Condeixa.

Agora, a cadeia académica é o côro dum antigo collegio universitario para onde a graça do poder moderador manda irrisoriamente alguma victima do justiceiro conselho de decanos.

As senhoras já não mandam appetecidos bolos nem a prisão vae além de oito dias...

As tradições medievaes conservaram-se e robusteceram-se no decurso do seculo XVI. A vida escolar dominava a vida de todo o burgo em que as ruas íam até perdendo antigos nomes para se ficarem chamando — *rua dos Estudos, rua da Mathemática, Sophia.*

A Universidade reflectia costumes e praxes mesmo das escolas orientaes, de Constantinopla e Beryto. Os alunos que lá se chamavam *dupondii* (1.º anno), *edictales* (2.º), *papinianistae* (3.º), *lytae* (4.º), *prolytae* (5.º) — eram e são em Coimbra, conforme os textos do *Palito Métrico,* os *caloiros* ou *novatos, semiputos, pés-de-banco, candieiros* (1).

---

(1) Theophilo Braga, *obr. cit.,* vol. II.

Todos os actos da Universidade eram revestidos da rigorosa liturgia que tem sido até agora ainda, o segredo do seu prestigio.

Tinha-se por necessario rodear a sciencia duma veneração quasi religiosa e para cada ceremonia havia um symbolismo expressivo. A maior das festas académicas como ainda no presente, era a collação do grau de doutor ou mestre, precedida dum exame solemne em que transparecia a influencia escolastica na escolha e forma dos argumentos, segundo os estatutos ordenavam.

Os graus de theologia e canones eram conferidos na igreja de Santa Cruz, *auctoritate apostolica,* pelo Prior-mór Cancellario.

O licenciado que na sala grande fizera o acto ostentoso das *vesperias,* ía doutorar-se na manhã seguinte ao mosteiro de Santa Cruz.

No *Terreiro das Escolas,* ainda cêdo, juntavam-se o reitor, padrinho, doutores e mestres em artes, revestidos das suas insignias.

Lacaios conduzindo cavallos ricamente aparelhados, iam-nos alinhando e dispondo por ordem, cheios de enfeites coloridos, moendo freios dourados e nitrindo de impaciencia. Era em todo o recinto da Alcaçova um bulicio contente, ordens desencontradas, agitação de

todos que tinham de seguir no cortejo: mestres, escolares, officiaes, convidados e a multidão de curiosos do fausto deslumbrante do capêllo.

Á frente, o clangor metálico das charamellas, trombetas e atabales fende os ares lavados a annunciar o desfile, alvoroçando a população.

Vae o merinho com os seus homens, abrindo caminho por entre o povo; atrás delle, os bedeis com as maças erguidas, o pagem do doutorando conduzindo numa salva de prata, o barrete com a borla; logo os doutores e mestres em artes, dois a dois, pela antiguidade, á esquerda do reitor o magistrando com o capêllo de velludo branco e á direita, o padrinho.

Seguindo os doutores, pessoas nobres, cavalleiros, auctoridades civís em seus uniformes, amigos e parentes do candidato e por ultimo, a turba-muita dos estudantes.

Passam lentamente o arco do Paço e o cortejo estende-se em frente dos collegios de S. Pedro e S. Paulo e inclina-se para a rua de S. João, ladeirenta e perigosa na descida; affluem curiosos que se alinham ás paredes e ha em todos risos de alegria e gestos de admiração e applauso.

Resoa confusamente o tropel da cavalgada, agitam-se plumas e sedas multicolores, ao longe reluzem as alabardas, lampejam de continuo

as pratas decorativas e nos escudos dos cavalleiros nobres, lêem-se de passagem divisas herdadas com gloria: « *Percussus excutit ignes; Mane fugo quos nocte duco* ».

Repicam sinos nos altos campanarios; povoam-se as janellas engalanadas, é uma festa que enche a cidade.

Ali vão as sumidades scientificas que conhece toda a Europa sabia e afamaram o nossa Universidade: o doutor Affonso do Prado, Frei Martinho de Ledesma, doutor Francisco de Monçon, Diogo de Gouveia, Frei João Pedraça, em seus capellos brancos de theologia, seguidos logo das insignias azul-ferrete dos mestres de artes.

Homens que amam a sciencia divina, cheios de virtude, grandes no saber e maiores na humildade — uns vigorosos e aprumados, outros vergados á decrepidez e receosos de cada passo da mula.

O mestre de ceremonias vae regulando a marcha: rua das Covas, estreitissima por onde o préstito se alonga, Sé Velha, S. Christovam a defrontar-se com o arco romano de Belcouce, e lá vam caminhando — rua das Fangas, Porta de Almedina, rua de Coruche, até Santa Cruz.

A primitiva igreja de Affonso Henríquez transformara-a annos antes a piedade opulenta

dum rei. O portal era ainda branco, o tempo não lhe creara musgo, santos bispos sorriam do triumpo de gloria eterna nos baldaquinos, todo aquelle engaste palpitava de harmonia, em lavores de renda, quasi filigrana cinzelada pela alma devota do artista.

Apeiam-se todos. Dentro, sob a abobada manuelina, ergue-se no corpo da igreja, um *theatro* movel, de tres degraus e defronte, o bancal branco com sanefas de brocado de oiro a penderem da mesa do doutorando.

Senta-se no meio o Cancellario; para a direita, sobre o tapete persa, caminha devagar a sandalia monastica do reitor, Frei Diogo de Murça, e de ambos os lados, os mestres de theologia e artes; nos logares proprios, desembargadores, conservador, corregedor, juiz de fóra e hospedes; junto do reitor, bedeis e bachareis, e em bancos proximos, deputados, conselheiros, taxadores, almotacés, secretario e mestre de ceremonias.

O candidato com uma pessoa nobre ao lado, senta-se em frente dos doutores que ham-de argumentar e, após a missa que o orgão solemnizou de harmonias, ergue-se para rogar o grau ao Cancellario que lhe responde elogiosamente.

O secretario defere-lhe então juramento sobre um missal aberto, faz a profissão de fé da

bulla de Pio IV e de joelhos recebe o grau, segundo a formula latina que o Cancellario pronuncia lentamente, abençoando-o.

Antes de lhe pôr o barrete na cabeça, faz o padrinho uma oração laudatoria, entrega-lhe a Biblia, mette-lhe o annel no dedo e depois do *osculum pacis,* acompanha o novo doutor a tomar assento, entre o seu e o do Cancellario.

Seguem-se argumentos e discursos, sempre em latim e a entrega das propinas aos assistentes: luvas a todos os bachareis e fidalgos, a licenceados, doutores, cancellario e padrinho, luvas e barretes.

Por ultimo, segundo a praxe, um *homem honrado* louva as *letras e costumes* do graduando e dizem-se *em lingoagem algũs deffetos graçiosos para folgar que nom sejam desintir.* Era a troça ao doutoramento, hoje reduzida a uns assobios e apupos, logo abafados com medo dos archeiros no primeiro dia de regencia de aulas — praxe que nas universidades espanholas se denominava *Vejamen* e na de Salamanca, ao contrario, *Victor* ou apotheose dos novos doutores, cujos nomes se escreviam gloriosamente, a sangue de toiro, nas paredes das escolas e dos templos.

Dessas troças audazes que para mestres de hoje seriam crimes de alta punição, existe

uma satyra do licenciado Fernão Rodríguez Lobo Seropita contra dois doutores, um zarolho, outro judeu, de que bastará transcrever uma decima para avaliar do arrojo insolente dos estudantes:

Certo é para sentir
Meus senhores estudantes
Ver lentes a dois bragantes
Que muito são para rir:
Que não se sabem vestir
E vem nesta occasião
Por alta ordenação
A ler nas nossas Geraes,
Dois cerrados animaes
Um por burro, outro por cão. (*)

O *vexame* era feito em Lisbôa por estudantes e pessoas de baixa condição e para evitar esse desdoiro em Coimbra, o reitor Frei Diogo de Murça obrigou os magistrandos a procurarem padrinho lente que o fizesse.

Depois da transferencia, o costume medieval reviveu e além das satyras, o candidato expunha-se á humilhação de conduzir uma pedra ás costas a distancia, ou um carneiro esfolado, como ainda aconteceu ao padre Melchior Barreto que o levou a casa do Doutor

(*) Vid. *Nota B.*

Marcos Romeu, seu padrinho no grau e por mandado do jesuita Simão Rodríguez (1).

Os *vexames* em verso, apezar das prohibições, affixavam-se nas portas e proclamavam-se na rua, emquanto o doutorado e os mestres seguiam para a comesaina que aquelle offerecia, em generosa fraternidade.

(1) Theophilo Braga, *obr. cit.*, vol. 1, pag. 3o3 e seg.

APAGADA, & VIL TRISTEZA

APAGADA, & VIL TRISTEZA

> Hay triste Luſitania, triste chora,
> Que nunca para choro eterno & triste,
> Tanta cauſa teueste, como agora.
>
> Diogo Bernardes — *Varias Rimas.*

No mesmo anno em que fixava a Universidade em Coimbra, conseguia Dom João III ganhar com dinheiro e ameaças a victoria do estabelecimento da Santa Inquisição em Portugal, pela bulla *Cum ad nihil magis,* de Paulo III.

A curia romana, mais zelosa do temporal que dos interesses espirituaes da christandade, illudia as razões sinceras do rei e ia recebendo ás occultas, o oiro corruptor dos judeus ameaçados.

Com a mesma elevação de proposito e boa fé com que por intermedio da amizade de Damião de Goes, offerecia ao grande Erasmo a regencia duma cadeira na nossa Universidade, procurava o Rei-Piedoso obstar á invasão

da heresia lutherana que perturbava a Europa central, quebrando a unidade da fé.

Ante a formidavel crise religiosa que sacudia vivamente a cadeira pontificia, os crentes organizavam a defesa, preparando a reacção, os reis guardavam do espirito do mal os dominios que Deus lhes entregara para reger, convencidos de que a religião romana era a unica garantia da felicidade dos povos.

O espirito germanico, pela bôca herética de Luthero, proclamava a liberdade de pensamento e a gente latina corria alvoroçada a votar os canones dogmáticos do concilio de Trento.

Para suster a irrupção do *livre exame,* já não valiam as ordens comtemplativas, eram precisos elementos de acção, a milicia de luctadores que Ignacio de Loyola recrutava e que Portugal recebia no triplo aspecto do seu plano — missionarios para as descobertas, mestres para a juventude e confessores para os reis: Francisco Xavier, Diogo Mirão e Simão Rodríguez.

O rei, a conselho do velho Diogo de Gouveia que em París fôra professor dalguns *pactuados* da igreja de Montmartre — escrevia para Roma a Pedro de Mascarenhas, pedindo-lhe que, informando-se prèviamente das pessoas e seus propositos evangelizadores, os convidasse a

virem a Portugal onde lhes seria dado meio mundo para converter.

E foi decerto o empenho do rei português, cuja amizade o papa queria fazer servir intuitos politicos, que influiu poderosamente na expedição da bulla de confirmação da *Companhia de Jesus* (1540).

Dom João III accelerou a decadencia inevitavel do reino, envenenando-o, ao cuidar reconstitui-lo, sem que a historia lhe tenha perdoado ainda o erro da sua politica, esquecida da intenção louvavel do rei.

Um principe crente do seculo XVI não podia proceder doutro modo e, se a injustiça tem recaído sobre a attitude que mais o engrandece — mal se desculpará o espirito critico de historiadores que censuram um imperante por não se ter inspirado em principios que não passam dum preludio, volvidos quasi quatro seculos!

Superior á vontade do rei e a domina-la, estava ainda o sentir geral da nação, piedosa como elle e que lhe teria resistido, se o soberano não ouvisse os clamores da populaça, fazendo justiça por sua mão nos judeus e christãos-novos.

O *santo tribunal* afigurava-se ao rei uma satisfação a desejos de exaltada piedade e bom meio de resistencia a um perigo temeroso.

Não ha que censurar ao rei a logica da sua resolução, lamentemo-la, pois mais do que ella pôde o nosso destino historico.

A morte prematura do principe Dom João, seu ultimo filho, trouxera ao monarcha um grande desalento que lhe abreviou a vida e durante o qual melhor fructificariam as suggestões dos jesuitas, já estabelecidos em Coimbra (1).

Pois é um absurdo inaudito acreditar que o rei que mais alto fez erguer nas letras o nome português e que congregou á volta da Universidade muitos dos mais reputados humanistas da Renascença, inutilizasse voluntaria e conscientemente a sua obra.

Os jesuitas encontraram na Inquisição o melhor auxiliar do seu plano sinistro de assaltar as universidades e o ensino.

Quando Diogo de Teive regressava de París com os mestres portuguêses e francêses que por ordem do rei fôra contratar á França, aconteceu terem de fazer a trabalhosa jornada no tempo da quaresma.

Por virem doentes, como elles allegaram depois, ou por estarem já emancipados da obediencia ao preceito hygienico da igreja,

---

(1) O. Martins, *Historia da Civilização Iberica*, 4.ª ed., pag. 273.

comeram carne nalgumas estalagens em que passaram.

Pois a accusação desse peccado, junta aos depoimentos das Camaras que affirmavam terem visto cear em dia de endoenças, os professores George Buchanan, Diogo de Teive e João da Costa — atirou para os carceres do Santo Officio, por suspeitos de herèsia e erros contra a fé catholica, aquelles homens cheios de serviços á instrucção nacional e admirados em todo o mundo culto.

Lá esteve mais tarde Damião de Goes, sendo já um velho de setenta annos, condemnado a carcere perpetuo por factos succedidos havia mais de trinta: ter sido amigo e hospede de Erasmo e merecer a convivencia de Luthero e outros herejes.

O humanista André de Resende, perseguido, partiu de Coimbra para Evora, sua patria, e quando aí mesmo os jesuitas o impediram de ensinar latim, refugiou-se na archeologia a que foi consagrando os ultimos annos de vida.

Assim fôram minando o prestigio e o credito do Collegio Real ou das Artes, para o que exerceu toda a sua astucia o padre Simão Rodríguez, até que em 1555 o rei expedia a Diogo de Teive, já restituido ao principalato do Collegio, a celebre carta: « Diogo de Teive. Eu El-rei vos envio muito saudar. Mandamos-

vos que entregueis esse Collegio das Artes e o governo delle mui inteiramente ao Padre Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus ... ».

Era a proclamação solemne do triumpho da Ordem que tam fatal viria a ser nos destinos de Portugal.

Estabelecia-se a censura prévia pela creação dos *correitores* do Santo Officio, publicavam-se indices expurgatorios e nenhum livro entrava no reino sem ser submettido ao comissario da Inquisição.

Os sabios estranjeiros reemigravam, fartos de ingratidões e os portuguêses que lhes não seguiram o exemplo, isolaram-se tristemente em mosteiros de provincia onde morreram de desgosto, folheando pergaminhos e recitando versos classicos para desafogo da paixão humanista que lhes ardia na alma.

Um reformador vinha substituir o pessoal expulso por filhos da Companhia e, embora o heroismo dos nossos capitães da India ultrapassasse ainda o limite do exforço humano, o presentimento da decadencia da Patria gerou nos espiritos a crença messiânica — como um doente lucido, ao sentir a agonia, procura prender-se á vida que lhe foge.

Se a direcção pedagógica não lhes foi confiada, tiveram inteira independencia da Uni-

versidade que ficou subordinada ao Collegio pelo exclusivo do ensino e por uma contribuição grande das suas rendas annuaes.

Apezar do empenho do cardeal Dom Henrique e do favor dispensado pelo rei aos intuitos da Companhia, não conseguiu esta para Evora mais que um *Collegio* que elevou á categoria de universidade no primeiro anno da regencia de Dona Catharina (1558) e a que Dom Sebastião concederia depois privilegios identicos aos da de Coimbra.

Assim foi interrompido o nosso movimento humanista que era dos mais florescentes da Europa e que, a continuar-se, teria porventura dado a Portugal um logar glorioso na evolução do espirito humano.

Dom João III morria e a Universidade tam rudemente ferida, prestava ao rei defuncto as homenagens funebres mais solemnes de que nella ha memoria.

Em resolução do conselho-mór determinouse o que se havia de fazer em suffragios e demonstrações de pezar de que os estudantes foram obrigados a participar — « q̃ os estudantes & officiaes traguão doo. — assentouse mais q̃ se mande a todos os estudantes q̃ os q̃ puderẽ traguam doo & q̃ os q̃ tiuerẽ manteos frisados os cardem. & os q̃ tiuerẽ tosados os

virẽ do aueso & cardẽ. & q̃ todos traguam carapuças, & o mesmo farão os officiaes da vniversi.de ».

O lucto foi geral e sincero.

Na sala grande, transformada em igreja com nove altares, armou-se uma eça de vinte e tres degraus, toda coberta de negro, assim como o pallio que cobria a bandeira e os habitos dos tres mestrados, Christo, Sant'Iago e Avís, tosão e esphera.

Nas filigranas dos pannos de velludo rebrilhavam as luzes de cem cirios e na parte anterior da eça dispunham-se oito escudos reaes.

Dos lados, altos cadeiraes cobertos de negro onde tomaram assento os doutores e pessoas honradas e no pavimento inferior, toda a população dos collegios e mosteiros, toda a Coimbra doutora a prantear um rei generoso.

Nas *vesperas* orou, apezar de leigo, o lente de prima de leis, doutor Manuel da Costa, fazendo um discurso erudito e comovente e no dia das exequias, o doutor Belchior Cornejo, lente de canones « pregou cõ tanta erudição & dotrina & cõ tanta arte & prudençia q̃ a vida & grandeças & santidade do morto Rei q̃ Representou na verdade moueu tanto aos q̃ o ouuirão q̃ todo o sermão foi hũ choro calado & hũ pasmo comũ. não achando ninhũa p.a

palabras nẽ sospiros cõ cõ q̃ se cõsolar & desabafar de dor & sentim.^to de perda tam sem cõparação ».

Todos os officiaes, bedeis, continuos, etc. se vestiram com o panno negro das exequias para se conservar o lucto, emquanto durasse o sentimento de que elle fallava (1).

Carlos V no antigo sonho de unidade ibérica, mandava a Portugal a figura torva do padre Francisco de Borja, disfarçado em mendigo, para conseguir secretamente da rainha Dona Catharina que, vindo a fallecer Dom Sebastião com cuja debilidade já contava — *era um hilo delicado* — se jurasse herdeiro da corôa portuguêsa o principe Carlos seu neto, filho de Filippe II e de Dona Maria, filha de Dom João III.

Por todo o Oriente, de Moçambique a Malaca, senhoreavam os mares os nossos pavilhões, a India inteira tremia á roda das fortalezas, floresciam as capitanias do Brasil e só os dominios d'Africa não tinham já quem lhes guarnecesse as praças abandonadas...

---

(1) Dr. Ribeiro de Vasconcélloz, *Real Capella da Universidade,* memoria publicada no Annuario de 1907-908, pag. CCCVIII e seg.

Como uma ballada de morte, a voz do povo ia cantando de serra em serra, as prophecias do Bandarra:

> Hum Rey nouo naçera
> Que nouo nome ha de ter:
> Este Rey que ha de naçer,
> De terra em terra andara
> Muyta gente lhe ha de morrer.
> ....
> ....
> ....
> Trinta dous annos & meo
> Auera ſinaes na terra:
> A eſcritura nam erra,
> Que aſsi faz o conto çheo
> Hum dos tres que vem arreo
> Demonstra grande perigo
> Auer açoute & caſtigo
> A gente que nam nomeo.

No reino já o fervor da Renascença estava perdido e apenas a infeliz infanta Dona Maria, resignada tristemente a virgindade perpetua, continuava os *serões* no paço de a par Santos-o-Novo, rodeada dalgumas mulheres illustres que formavam a sua côrte sabia, mantendo o ultimo lampejo humanista.

O rei, filho de um degenerado e enfermiço, era a illusão duma esperança.

Para o furtarem ao perigo da *peste grande,* aconselharam-lhe uma visita a Coimbra, a exemplo de seu avô.

Era um moço sonhador, de olhar azul, sobre quem pesavam os destinos duma nação e os vaticinios do mathematico Pedro Nunez, seu mestre, que tendo o cuidado de *levantar figura* sobre o dia e hora da coroação, lhe confidenciaram os astros ser prudente adiar aquella *politica ceremonia*.

Visitara os tumulos reaes na Batalha e, mandando abrir o de Dom João II, fez erguer o cadaver ao alto para lhe metter a espada na mão, clamando, para o duque de Aveiro, cheio de terror:

« Este foi o melhor official do nosso officio! »

Tomou a direcção de Coimbra, e veio monteando com grande comitiva de fidalgos, com o cardeal Dom Henrique e os infantes Dom Duarte e Dona Isabel.

A Universidade dispensou-lhe as honras que o rei pedira antecipadamente.

A S. Martinho do Bispo o foi esperar um vistoso cortejo de cavalgada que o acompanhou até á Portagem onde os senadores lhe entregaram as chaves da cidade e lhe fez o discurso de recepção o doutor Jorge de Sá, comparando o rei a Alexandre e Coimbra a Troia.

Na primeira aula em que entrou recebeu-o uma estrondosa pateada que o fez estremecer e num impeto levar a mão á espada, indigna-

dos os seus dezaseis annos com a audacia do desacato.

A majestade serenou, teve um desengano feliz, quando o informaram de que era aquelle o applauso escolástico, as palmas da Academia em 1570.

O rei resignou-se á pateada e por ultimo ria de contente pelo carinho que ella vinha a traduzir no convencionalismo académico do tempo.

Depois assistiu á representação da tragicomedia *Sedecias*, escrita em verso latino, durante a qual se sabe, por inconfidencia do chronista, que o rei foi varias vezes atacado de somno.

A rainha queixava-se a Francisco de Borja da influencia perigosa dos Camaras no espirito fraco do rei, mas o Padre deveria regozijar-se intimamente, ao ver seguir a bom termo o plano malvado da sua missão.

As expansões das almas moças, o bulicio de outrora veiu suffoca-los a reacção jesuitica: tudo parecia approximar-se do fim.

Agonizava a raça numa orgia de gloria; Portugal não tinha mocidade, tudo eram velhos, velhos de vinte e trinta annos, a soluçarem oitavas de Camões.

Ninguem cuidava resistir ao peso da fatalidade: algumas vozes prudentes de heroes da

India perdiam-se abafadas nas antecamaras dos Paços, juntas ao brado do bispo de Silves, a sustar a epilepsia imperialista do rei: « veja Vossa Alteza quam grande será a festa dos Mouros e quanta a tribulação dos Christãos... haja menos damascos e mais cassoletes: menos perfumes e mais lanças » (1).

Vinham de longe os presagios, lia-se a sina nos astros soluçantes, falava-se de visões e eternos pesadelos.

Num passeio fóra de Lisbôa, vira o rei um cometa, *igneo, e caudato, estendido para o Meyo dia, aonde he Africa.*

Todos o tomaram por mau agoiro, mas bastou que alguns aduladores *jogassem do vocabulo,* para o desgraçado moço ficar repetindo este compasso da sua obsessão: « diz o cometa que acometa! ».

Na ceremonia da benção da bandeira, o arcebispo enfiava-a na haste, ás avéssas, com o crucifixo de cabeça para baixo e ninguem na batalha conseguiria desenrola-la livremente, como nos dias doirados da victoria.

Aos musicos da armada só lembravam canções tristes e nos campos de Arzila, ao desarmarem a tenda real, tres corvos desceram a

(1) Dom Jeronymo Osorio, *Cartas Portuguêsas,* c. primeira.

poisar nella, de asas mortas; nos ares, via-se ao longe uma peleja de aguias e chovia sangue em Tanger na tarde do dia quatro.

Santa Thereza de Jesus, no seu convento de Toledo, tinha a revelação da derrota, á hora da batalha e chorava de dor pelo triumpho dos infieis.

No mosteiro de Alcobaça, um monje em oração via subir ao alto muitos homens de branco, com as roupas banhadas em sangue que corria das feridas e dois mancebos angélicos, guiando-os para uma porta cheia de claridade.

Em Coimbra assistia-se ao prodigio de ver cobrir-se de suores a estatua tumular da Rainha Santa e na villa e termo de Penamacôr fôram vistos passar nas nuvens, muitos esquadrões armados.

Pedro de Basto, sendo menino, teve a visão dum mar revolto em que um cavalleiro agonizante se debatia nas ondas bravas, sem conseguir erguer-se e suspirando com voz dolorida: « Dom Sebastião, Rey de Portugal! » (1)

Quando se tratou da sucessão do reino, a Universidade onde havia ainda lembrança dos

---

(1) Frei Manuel dos Santos, *Historia Sebastica,* liv. II, cap. XXXVI.

seus tempos de estudante — era por Dom Antonio que na cidade tambem tinha um grande partido, chegando mesmo a ser acclamado nas ruas pela academia e pelo povo, aquelle perfido principe que pretendera vender os seus direitos ao invasor.

Dom Nuno de Noronha, reitor, lia em claustro pleno a carta que de Santarem o pretendente dirigia á Universidade e era eleito para ir com dois lentes, saudar o monarcha acclamado e offerecer-lhe a Protectoria.

Um préstito gratulatorio ia a Santa Cruz e mêses depois voltava o reitor a declarar ser dispensavel referir o que passaram em Santarem os comissionados, visto todo o reino, um momento suspenso pela voz de Phebo Monís, estar acclamando Philippe II de Espanha.

E do mesmo claustro em que se tomava conhecimento official da perda da independencia, saía eleito novamente aquelle reitor para prestar em nome da Universidade, as homenagens de submissão ao usurpador em Elvas donde já promettera um premio a quem lhe entregasse a cabeça de Dom Antonio!

Philippe de Castella acceitara a Protectoria numa carta entregue a Dom Nuno, mas não suspenderia a vingança sobre os professores que nobremente defenderam a autonomia nacional: era degolado pouco depois Pedro de

Alpoim, lente de *Codigo,* era demittido do cargo, Frei Luís Souto Mayor, Frei Agostinho da Trindade escapava á morte fugindo para a França, e morria miseravelmente nas prisões, talvez envenenado, Dom Antonio João de Vasconcellos, portador da carta do Prior do Crato.

O visitador Manuel de Quadros que por ordem do rei viera reformar os estatutos, tratava tambem dos projectadas obras para as escolas.

Como eram excessivamente elevadas as despêsas que de aí advinham, em virtude das demolições que era necessario fazerem-se — a Universidade pediu ao rei que lhe cedesse definitivamente os Paços reaes em que as aulas já funccionavam, havia mais de quarenta annos.

O rei-protector recusou terminantemente fazer tal concessão (1583), para quatorze annos depois lh'os vender por trinta mil cruzados.

No pessoal docente, por esta epoca, a harmonia não era exemplar: entre christãos-novos e jesuitas lavravam odios e intrigas que vieram a ter desfechos tragicos.

As eleições dos oppositores por voto dos estudantes, eram tumultuosas e irregulares e

todos os meios de corrupção fôram empregados com detrimento da imparcialidade, tam escrupulosamente recommendada nos estatutos.

Para cada candidato formavam-se *partidos,* denominados *Çurras,* predominando nelles a corrente dos christãos-novos (1).

Nas visitas á Universidade, faziam-se meudas inquirições á vida dos lentes e dos elementos delictuosos que se reuniam, formavam-se processos contra varios professores: Antonio Gómez, lente de medicina, André Avellar, de mathemática e Francisco Vaz de Gouveia, illustre canonista, a respeito de quem a Universidade, em claustro pleno, resolveu representar aos governadores, a pedir a sua exclusão do ensino.

Mas a victima mais célebre foi o doutor Antonio Homem, lente de *prima* de Canones e conego doutoral da Sé de Coimbra que o tribunal da Inquisição desta cidade declarou convencido do crime de heresia e apostasia e apostata dogmatista, incurso na pena de excommunhão e confisco, devendo as casas em que se faziam os *ajuntamentos rabbinicos,* ser demolidas, arrasadas e semeadas de sal (1620).

---

(1) Theophilo Braga, *obr. cit.,* vol. II, pag. 497.

No auto de fé saído em Lisbôa, a 5 de maio de 1624, em que seguiram para a morte oitenta e quatro pessoas, ía um velho de sessenta annos, alto e sereno, mettido no sambenito e mitrado de carócha para ser queimado vivo: era o doutor Antonio Homem que o Santo Officio apurara pertencer á *confraria de Frei Diogo* (1)!

Entre mestres e discipulos, tambem as relações não eram muito affectuosas, vivendo já por este tempo em desconfiança reciproca.

Scenas violentas denotam mesmo viva hostilidade, como aconteceu com o doutor Antonio de Abreu, quando lia na aula contra a vontade dos estudantes.

Patearam-no fortemente, repreendeu um dos perturbadores e, trocando com elle algumas palavras ásperas, atirou-lhe com uma *Instituta* do que o estudante se vingou com uma aggressão nos *Geraes*.

Eram frequentes os actos de indisciplina e havia grande tendencia para a desordem.

Sabendo que no convento de Sant'Anna estavam coactas as freiras de Semide que o bispo Dom Affonso de Castello Branco man-

(1) Simão Soriano, *Revelações da minha vida*, pag. 211.

dara vir para as annexar á nova communidade (1610), juntaram-se os estudantes á roda do mosteiro, dando vivas a S. Bento, para as animarem á rebellião.

As monjas exiladas do *Paraiso,* como ellas chamavam ao convento de Semide, mostravam-lhes a sua firmeza, trazendo as candeias para as grades das cellas (1).

Estava generalizada a pederastia, em caricias molles amorejavam muitos, *os freiráticos,* por Cellas e Sant'Anna aonde alguns professores tambem iam remecher cinzas de idyllios mortos ou tentar as monjas ao peccado e á violação dos votos que a mocidade cega pronunciara em delirios de febre.

Muitas, ardendo de ciume, não duvidavam aggravar com depoimentos no Santo Officio, a situação de antigos amantes, accusados de herejes e judeus (*).

O ensino ia decaindo lamentavelmente, ficando cadeiras abandonadas annos seguidos, por falta de competencias para as regerem.

---

(1) Frey Leão de S. Thomás, *Benedictina Lusitana,* part. II, cap. IV.

(*) Vid. *Nota C,* no fim.

O espirito scientifico da Renascença emigrara da Universidade, toda a acção pedagogica se limitava á estreita casuistica e a luctas estereis de especulação theologica e metaphysica.

Á auctoridade papal, centralizada e robustecida no concilio de Trento, tudo se submettia servilmente, acelerando a depressão mental que a decadencia das universidades accusa, perdido já o fervor naturalista do seculo anterior.

A Inquisição não deixava de perseguir os sabios, considerava heréticas as doutrinas de Copernico, obrigara Galileu a retratar-se, condemnando-o em expiação da sua desobediencia, a recitar semanalmente, durante tres annos, os sete salmos penitenciaes.

Descartes, Pascal e Spinoza eram scelerados, cujos nomes era peccado pronunciar.

A Universidade de Coimbra parecia não ter recebido o influxo da Renascença e a usurpação filippina viera favorecer a decadencia literaria que outras causas já de longe vinham preparando.

Todo esse periodo de dominação estranjeira e o que se lhe seguiu até ás tendencias renovadoras do seculo XVIII, são um longo parenthese em que quasi foi suspensa a vida mental da Universidade, entorpecida na rigidez dum scolasticismo gongorico e formalista.

A noticia da restauração começou a circular na Universidade em quatro de dezembro, quasi a medo, e no dia seguinte já era lida em Coimbra a carta dos governadores ao reitor Manuel de Sadanha, dando-lhe conta do que se passava em Lisboa e ordenando a acclamação do Duque de Bragança.

Quando em claustro se tomavam resoluções sobre o caso, os estudantes em massa no Terreiro das Escolas, abandonavam as capas, gritando com ruido por toda a cidade.

Na manhã seguinte, armaram-se em batalhão, apresentaram-se á porta da Camara, gritando em altas vozes que não demorassem a acclamação e logo um dos vereadores, montando a cavallo, correu pelas ruas a bandeira da cidade, entre a multidão de estudantes alvoroçados, repetindo: *Real, Real, por Elrey Dom João o Quarto de Portugal.*

Ao entrarem na igreja de Santa Cruz para visitarem o tumulo de Affonso Henríquez, celebravam os frades as exequias annuaes do Fundador e a toada latina dos salmos suspendeu-se, para se ouvir um *Te-Deum,* entre vivas e palmas, numa confusão louca.

De tarde havia jogos no Terreiro em que tomaram parte mesmo os lentes velhos e á noite organizava-se uma notavel *encamisada*

pelas ruas illuminadas, composta de fidalgos e gente da Universidade.

Nos outros dias o enthusiasmo cresceu, alimentado com as boas noticias que vinham chegando, concorriam ás festas os povos dos arredores, celebrando a libertação.

Havia demonstrações religiosas, pregações e festas em todas as igrejas e para estimular os brios da intellectualidade « *decretarãofe premios aquem milhor louuasse a Sua Magestade em Poemas, & Epygrammas latinos, Canções, Sonetos, & todo o genero de versos nas tres linguas, Portugueza, Hespanhola, & Itatiana* ».

Foi na sala dos Capêllos, no mês seguinte, que teve logar a solemnidade de distribuição dos premios aos poetas. Orava o lente de Instituta Jeronymo da Silva, no meio de uma assistencia numerosissima que enchia a grande sala, forrada de pannos de Arrás e rodeada de poesias, escritas com habilidade gongorica.

Sonetos em quatro linguas, outros compostos com versos dos *Lusiadas,* poesias podendo ler-se em tres linguas ao mesmo tempo, acrósticos, combinações originalissimas, percorrendo todos os generos, desde a epopeia ao epigrama.

Comparava-se o Duque de Bragança a Salomão e o espirito messianico encontrava revelações e profecias nos textos da Lei antiga e espalhava por toda a nação o sonho do *Quinto*

Imperio de que o padre Antonio Vieira foi um dos maiores visionarios (1).

A Universidade não se limitou a festejos e sermões em honra do novo rei: o doutor Vaz de Gouveia então em Lisboa, fugido á perseguição dos collegas por ser christão-novo, foi aproveitado por Dom João IV para a defesa juridica dos seus direitos, escrevendo um commentário — *Justa Acclamação do serenissimo Rei de Portugal D. João IV* — no qual defende a soberania do povo que os reis exercem por delegação.

Para o Alemtejo onde a occupação portuguêsa era ainda pouco effectiva, a pedido do rei organizou-se uma expedição de seiscentos e trinta estudantes em seis companhias, commandadas pelo reitor, para repellir a investida á praça de Elvas, batendo-se ali valentemente, *todos mui lustrosos e animosos para defender seu rei natural e sua patria* (2) (*).

A nova ordem de coisas politicas não trouxe mudança sensivel á vida intellectual e discipli-

(1) *Applausos da Universidade a Elrey N. S. D. João o IIII*, 1641.

(2) *Chron. dos Conegos Regrantes*, part. 2, pag. 296.

(*) Vid. *Nota D*, no fim.

nar da Universidade que continuava dominada por um religiosismo absorvente.

Quando o Duque de Bragança sentiu na cabeça a corôa que não pensava viria a pertencer-lhe, depô-la com pressa aos pés da Virgem a quem entregou o Padroado do Reino e obrigou a Universidade ao solemne juramento da Conceição Immaculada, realizando deste modo os desejos de Filippe III.

De Madrid já aquelle rei dirigira uma carta á Universidade, pedindo-lhe a opinião sobre o assunto para melhor fundamentar a petição dirigida ao papa.

Em Coimbra havia muito que essa questão se vinha debatendo entre franciscanos (scottistas) e dominicanos (thomistas), tendo já Frei Egidio da Apresentação escrito a « *Defensão da purissima Concepção da Virgem* ».

Dom João IV consultava tambem a Universidade, um claustro pleno resolvia quasi por unanimidade, recusar tal juramento, mas no anno seguinte (janeiro de 1646) o rei já *ordenava* que nenhum grau fôsse tomado, sem que os candidatos previamente o prestassem, a exemplo de París, Moguncia e Salamanca.

Submetteu-se a Universidade, resolvendo fazer uma festa solemne em julho desse anno.

Por ordem do reitor todos os collegios se illuminaram na vespera, houve repiques de

sinos, tocaram pelas ruas as charamellas e trombetas, ruidosamente.

Na capella reuniu-se todo o pessoal universitario, as communidades religiosas, as auctoridades e os nobres para assistirem ao acto e ao sermão do mestre de theologia, Frei Leão de Santo Thomás.

Para a ceremonia, o cancellario celebrante, Dom Leonardo de Santo Agostinho, ergueu-se de mitra e baculo, junto do altar-mór onde estava a imagem da Virgem e, estendendo a mão sobre um missal, pronunciou em nome da Universidade a longa formula da profissão.

Tomando em seguida o missal, sentado em frente do altar ía deferindo juramento a cada um dos lentes, por ordem das faculdades, deixando de comparecer os da ordem de S. Domingos que sempre julgaram inopportuna tal resolução (1).

Numa das paredes da Capella ficou uma inscrição lapidar, perpetuando o facto e a obrigação do juramento que o Restaurador impôs para deixar de si alguma memoria...

---

(1) *Liv. das Prov.*, fl. 273; Legisl. Acad. collig. por José Maria de Abreu, tom. 2 suppl. pag. 7; *Chr. dos Coneg. Regr.*, Part. 2, pag. 422; *O Instituto*, vol. XL, n.º 6 pag. 471.

O MARQVÊS

O MARQVÊS

Esse homem foi Pombal!
Traçou o enorme plano
E foi justo e cruel e grande e deshumano...

Conde de Monsaraz — *O Grande Marquês.*

Pelo começo do seculo XVIII, a mesma decadencia e relaxação das universidades estranjeiras minavam a de Coimbra.

Cerradas ao espirito scientifico dos precursores da Encyclopédia por não irem de accordo com a verdade revelada — as universidades mantinham-se pelo prestigio da tradição apenas, immobilizadas no sonambulismo da sua decrepitude.

O tempo perdia-se em conflictos com a população e em disputas de privilegios de fôro que a tendencia para a egualdade civil ia já repellindo.

Dois professores de Coimbra, accusados de cumplices na morte do corregedor da cidade, allegam perante o rei completa isenção das

justiças seculares e incompetencia á sua auctoridade para os demittir dos cargos.

Proseguiam accesas as luctas antigas entre os professores franciscanos e dominicanos, disfarçando em controversias dogmáticas, os odios partidaristas de *habitos*.

A mercê dos reis favorecia o quietismo e a indolencia universitária pela concessão de *perdões d'acto* frequentes, para galardoar applausos e festas nas suas visitas á cidade.

Nunca fanatismo e devassidão melhor se harmonizaram.

Em abril de 1709, a iniciativa dos estudantes alentejanos promovia um solemne triduo de desagravo, por terem encontrado riscada a palavra *Virgem* no livro dos graus sobre que se fazia o juramento, e emquanto a Universidade e os Collegios juravam acatar a bulla *Unigenitus*, de Clemente XI — levavam os estudantes uma vida dissoluta de que é a mais perfeita expressão o *Rancho da Carqueja*, sociedade de malfeitores, incendiarios e assassinos.

Moças bonitas, seduzia-as um ou outro em beneficio do grupo, raptavam-nas muitas vezes, abandonando-as depois de saciados barbaramente na carne virgem das victimas.

Uma sobrinha do reitor que tinha fama de formosa, teria caído em poder do *Rancho*, se

não se tivesse frustrado uma escalada ás janellas do seu quarto de dormir.

Tremia-se em Coimbra do *Rancho* como de uma quadrilha de bandidos perigosos: mal vinha a noite, o burguês recolhia e a prudencia aconselhava-o a fechar as portas para evitar insultos e desordens.

A frequencia ás aulas não era então obrigada a ponto: os estudantes passavam em suas terras a maior parte do tempo lectivo, principalmente os dos arredores, e quando transpirava que o reitor resolvera fazer alguma das chamadas annuaes, íam caminheiros avisa-los para se apresentarem no dia proprio.

Um dia fez-se a chamada quasi de improviso e o reitor mandou suspende-la para fazer perder o anno a alguns grupos de alunos que vinham entrando na sala.

Foi tal a confusão e o tumulto que o reitor e o secretario a custo escaparam da morte, aproveitando uma porta falsa.

Instaurou-se um processo, depois de longa devassa, contra trinta sediciosos que os verdeaes prenderam e pelas ruas permaneceu noite e dia, um batalhão de quatrocentos homens.

Os arguidos foram enviados para Lisbôa em ferros e teve um espectaculo delicioso a burguesia da cidade, vendo caminhar para a punição aquelles malvados de cujo arbitrio

dependia o socego da vida alheia e a honra das donzellas da Alta.

Toda a gente corria para os conhecer de perto, chasqueavam alvarmente dos presos que lá fôram seguindo escoltados, ruas abaixo, ouvir a sentença em Lisbôa e partir para o degredo na India, por ordem de el-rei Dom João V.

Na Praça do Pelourinho era degolado o estudante canonista Francisco Jorge Aires que assassinara — impunemente, por graça do fôro académico — Manuel Godinho Pereira e era accusado de ser o chefe do *Rancho da Carqueja*.

A cabeça, enviada para Coimbra, foi erguida num poste na Praça de S. Bartholomeu aonde os futricas, felizes da vingança, fôram reconhece-la, permanecendo ali quatro mêses, até que a irmandade da Misericordia a levou a inhumar á vizinha igreja de Sant'Iago.

Era a violencia e a desordem, não escapavam os proprios agentes da justiça, desacatavam-se o juiz-de-fóra e o corregedor, cortavam-se as cabelleiras das raparigas e em *troupes* nocturnas de primitiva brutalidade, cometiam-se nos pobres novatos as maiores atrocidades, invadindo-lhes as casas e perseguindo-os ferozmente.

Estava generalizada a preoccupação da força que determinava a permanente dictadura da trilogia da moca, tesoira e colher que ainda

agora subsiste como inoffensivo symbolismo em ornamentações de quartos...

As provisões regias repetiam-se sem resultado efficaz pela quasi segurança de impunidade.

Dom João V, em provisão de 1727, ameaçava de perda de anno todo aquelle que promovesse *investidas* aos novatos que, com medo das praxes e do canellão, em pequeno numero se atreviam a residir em Coimbra no primeiro anno de matricula.

Em documentos da epoca fala-se em estupros com frequencia, perpetrados por estudantes e da furia com que já mesmo depois da *reforma* os novatos eram saudados, ao entrar na Universidade, diz-nos o poeta Tolentino:

> Pão amassado com fel
> Envolto em pranto comia,
> Levei vida tam cruel
> Que peor a não teria,
> Se fôsse estudar a Argel
>
> Soffri continua tortura,
> Soffri injurias e accintes
> Lancei tudo á Escriptura
> E nos novatos seguintes
> Fiquei pago com usura.

Os estudantes viviam aos dois e aos tres, á maneira das *republicas* de agora. Servia-os

uma *ama* e dois ou mais creados, conforme os estatutos permittiam á condição de cada um.

Armavam-se de noite, habitualmente, para as aventuras, levantavam-se tardissimo, a maior parte, e consumiam o tempo em mêses seguidos, tocando e cantando, a fazer versos e a jogar as cartas.

Quando Ribeiro Sanches enviou do estranjeiro os elementos para a grande reforma, referia ter havido no seu tempo em Coimbra um estudante-amador, de sessenta annos, que cursava lentamente a formatura: deixara-lhe um parente o legado de duzentos reis diarios, emquanto frequentasse a Universidade e elle sophisma a intenção do defuncto com a resolução de nunca mais a abandonar.

Para Coimbra vinham até de Lisbôa e das provincias aventureiros fidalgos levar com os estudantes a vida de *feição e galanteo*.

Se o oiro da *nau-dos-quintos* rebrilhava opulentamente na talha gloriosa dos côches em festas da côrte e comprava carissimo ao papa privilegios liturgicos — tambem derramava pelo país uma onda de luxo que invadia os conventos, a escarnecer do voto de pobreza e tentava os estudantes a rasgar a *loba* de baeta para vestirem a abbatina com voltas e punhos de cambraia.

De cabelleira polvilhada, fivellas de prata e ricos gibões, tanto iam aos *outeiros* de monjas comer-lhes os dôces, glosando motes assucarados, como aos salões fidalgos ouvir as cavatinas de cravos hollandêses, entre ricas tapeçarias sobre que se abafavam levemente os passos do minuete.

E tam exigente era a elegancia académica de então que mantinha na Portagem muitos mercadores francêses, vendendo estofos, meias, luvas, tesoiras, tudo ao gosto da côrte.

As tradições e costumes escolares fôram recolhidos no *Alcorão* da praxe denominado *Palito Métrico*.

Como a da Biblia divina e a dos sagrados Veddhas, foi respeitada por cem gerações a auctoridade dos seus preceitos.

Ainda o estudantinho não concluira o ultimo exame de latinidade e já a penugem da face se lhe eriçava de terrores, ao pensar nas noites de *grau* em republicas de veteranos temiveis.

Amigos mais velhos iam contar-lhes no primeiro Natal o horror das noites de Coimbra, as humilhações, os maus tratos e *lograções* que o esperavam inexoravelmente no anno seguinte.

O phantasma da Porta-ferrea que logo evoca violencias e sangue, a hora do juramento, o

lente sinistro, a *cabra,* tudo lhe ficava esvoaçando na mente aonde até ás vezes afloravam em tumulto projectos de desforços tragicos...

Vinha-se para Coimbra, de monte em monte, sobre a mula dum almocreve conhecido da familia, cheio de recommendações para a jornada — os atalhos alta noite, os ladrões, as estalagens... e lá ficavam mães chorosas a rezar em oratorios de madeira, a um canto do quarto, que Nossa Senhora os encaminhasse e defendesse de ruins encontros e más companhias.

E depois de o deixar ao veterano, o discreto almocreve levava sempre boas novas do *menino,* embora um desespero de dezoito annos o instasse a reconduzi-lo ao lar paterno.

Tinha a experiencia de trinta annos, o bom velhote: com barba de matacões, olhos borrachos e chapeu de borla, ganhava em manhas a um bohemio chronico e já adquirira o habito do perigo para livrar das diabruras da *ponte* os alforges e a carga da mula, farta de choutear pelas calçadas.

E toda a arruaça, toda a desordem, lá estava o *Palito Métrico* a rege-la com o despotismo theologico dum canon.

Ali se continham sabias disposições dogmáticas, uma liturgia de respeito, desenvolvida com largueza, conselhos a novatos, regras de moralidade académica, varios poemas em latim

macarronico, narrativas, elegias, apologias, todo um corpo de doutrina para que veiu contribuindo, desde o seculo XVIII a graça anonyma das gerações coimbrãs.

O *Palito Metrico* é o riso aberto dos rapazes de outrora, riso vingativo da férula cathedrática, uma caricatura engraçadissima do viver escolar de Coimbra, no tempo em que havia mocidade e alegria, já desde quando a *cabra e o cabrão,* do alto da torre do Paço, começaram a mandar para os ares, de manhã e á noite, o aviso e a ordem para começar o estudo, as *horas tristes,* como se dizia no tempo de nossos avós.

Quando a convulsão dum grande terramoto destruiu a melhor parte de Lisbôa, sobre as ruinas vermelhas do fogo e abandonadas dos sobreviventes espavoridos — erguia-se entre cadaveres mutilados, o vulto sereno do Conde de Oeiras.

Rodeado de engenheiros e architectos, traçava com elles a planta da nova cidade que para logo começou a erguer-se, firme e geometrica como o espirito do tempo.

No plano reconstructivo de Lisbôa pode ler-se toda a obra de Pombal, na vastidão e na forma.

O seu vulto agiganta-se como o dum titan e a audacia administrativa lança uma larga pro-

jecção que abrange todo o país, de provincia em provincia, por onde cheirava a cera e incenso, debaixo de arcarias de templos salomónicos, reboando de cantochão rouco.

Na execução não ha meios que se recusem, logo que sejam efficazes: os fins justificam os meios — pensaria elle.

O Porto mostrava descontentamento por certas medidas governativas, uma cruel repressão ía punir o crime de *lesa-magistade.*

A nobreza contrariava-lhe a acção com planos secretos — numa triste manhã de fevereiro, as brumas do Tejo rasgavam-se, deixando a descoberto o cadafalso a que iria subir, aviltada para exemplo publico, a mais alta nobreza do reino, a par de obscuros plebeus, num scenario lugubre de tragédia.

O jesuita é nocivo, expulsa-se a *Companhia,* escolhe-se para victima expiatoria um de prestigio, já velho, com fama de santo na côrte, o padre Malagrida que depois de enlouquecido nos carceres da Junqueira, é conduzido á morte num auto de fé, por instigação de Pombal!

É assim cruel, incoherente e despotica a politica do Marquês. Que ninguem reprove ou discuta uma ordem sua, senão a cabeça do atrevido responderá pela audacia.

E com este geometrismo de sistema é que elle conseguiu levar o reino á prosperidade.

Pombal tinha consigo a força dos que se julgam predestinados: o coração subiu-lhe á cabeça e lá o esmagou a razão de estado.

Se não fôsse tyranno, não teria sido o reformador que sempre foi, nem teria mudado a face á vida nacional: o ministro de Dom José foi um instrumento da sua obra.

Para um duello entre o Estado e a Igreja no meado do seculo XVIII era precisa toda a energia de Pombal para manter o reino na independencia espiritual da curia romana, tranquillas as consciencias dos fieis.

Nessa attitude auxiliaram-no poderosamente as razões da *Tentativa Theologica,* do padre Antonio Pereira de Figueiredo, notavel latinista e professor, cujas tendencias educativas contrariavam em absoluto a pedagogia jesuitica.

Para reformar a Universidade instituiu o Marquês a *Junta de Providencia Litteraria,* de que faziam parte, alem delle e do Cardeal da Cunha, Frei Manuel do Cenaculo, bispo de Beja, Seabra da Silva, o reitor Francisco de Lemos de Faria e outros membros illustres.

Nella se redigiu o relatorio de inquerito ao ensino, vulgarmente denominado « *Compendio historico do estado da Universidade* » e se elaboraram os estatutos pombalinos, ainda em vigor ha poucos annos.

Na reforma da Universidade, pelo que respeita aos programmas e organização dos cursos, á orientação pedagogica e ao espirito novo que por ella entrou em Portugal, não cabe ao Marquês muita gloria, nem admira.

É muito para louvar que elle soubesse aproveitar habilmente a cooperação dos mais competentes.

O padre Verney, oratoriano, exilado em Roma até á morte, de lá escreveu em forma epistolar o « *Verdadeiro Methodo de estudar* » em que atacava fortemente o ensino dos jesuitas, sustentando contra elles com alguns sequazes, uma longa polémica (1).

De París onde passou os ultimos dias duma vida gloriosa, dictava o medico Ribeiro Sanches com a altissima competencia do seu saber, a organização dos cursos, escrevendo as *Cartas sobre a educação da mocidade* e o « *Methodo para estudar a Medicina* ».

Já antes, para acalmar os terrores do terramoto, delle se tinha soccorrido Pombal a pedido de quem escreveu varios estudos scientificos. Este compatriota nosso, quasi esquecido em

(1) « Verdadeiro Methodo de estudar para ser util á Republica e á Igreja : proporcionado ao estylo e necessidades de Portugal : Exposto em varias cartas, escritas polo R. P... Barbadinho da Congregasam de Italia ao R. P... Doutor na Universidade de Coimbra. »

Portugal, tem no estranjeiro a reputação dum dos maiores sabios do seu tempo e, se não fôssem as relações intellectuaes que por intermedio do ministro o ligaram ao país de origem, Ribeiro Sanches seria hoje justamente considerado hollandês ou russo.

Em Leyde ouviu o celebre Boerhaave que Dom João V convidara para a nossa Universidade; na Russia para onde partiu por indicação daquelle mestre, era médico dos exercitos imperiaes e da camara da Imperatriz.

Superior ao nivel mental do seu seculo, notado pela suspeita de christão-novo e ainda parente do philosopho Francisco Sanches — nada mais era preciso para que a Inquisição o seguisse, de olhos vigilantes, obrigando-o a emigrar.

Na reforma pombalina, todo o plano das faculdades de philosophia e medicina lhe pertence: museu, laboratorio, theatro anatomico, jardim botanico — todo o ensino experimental foi inaugurado por inspiração delle.

Como o doutor Diogo de Gouveia no seculo XVI, Ribeiro Sanches foi o mentor da nova direcção pedagogica dos estudos em Portugal: o primeiro imprimindo-lhes força e orientando-os pelo humanismo francês, o segundo, aproveitando os ensinos da Encyclopédia, em cujo espirito fôra educado.

De Catharina II da Russia, além da pensão que em París lhe foi attenuando a miseria, recebeu o insigne médico para orgulho do seu espirito de plebeu, um brazão de nobreza com a legenda: *non sibi, sed toti genitum credere mundo.*

Por incumbencia do rei que para isso o nomeou seu logar-tenente com poderes majestáticos, veiu o Marquês a Coimbra trazer os Estatutos á Universidade e mal a comitiva appareceu no alto de Santa Clara, todos os sinos da cidade repicaram, as forças deram descargas de fuzilaria, atroadoramente.

No cortejo que abria pelos funccionarios da justiça e por forças de tropa vinham desde Condeixa, o reitor, Doutor Francisco de Lemos, muitos cavalleiros, nobres e pessoas da Universidade que seguiram a faustosa berlinda do Marquês, puxada a quatro parelhas, até ao paço episcopal onde a seguir deu recepção aos conegos e doutores que ali o aguardavam.

Durante o mês da sua permanencia em Coimbra, setembro a outubro, repetiram-se as demonstrações festivas da cidade e academia, musicas, illuminações allegoricas, discursos e poesias.

Numa sessão solemne na sala dos Capêllos, entregou os novos Estatutos ao Reitor que

logo foram jurados por todos os lentes e postos em vigor (29 de setembro de 1772) (1).

Para reger as novas cadeiras e prover em pessoas competentes outras que já existiam, mandou o Marquês vir do estranjeiro professores illustres como Vandelli (chimica e historia natural), Simão Goold (cirurgia), Luis Cichi (anatomia), Ciera (astronomia), Franzini (algebra), desenvolvendo o reitor uma actividade assombrosa na execução da reforma, tam larga e radical que os discursos laudatorios lhe davam o nome de fundação.

Com a morte de Dom José, o antigo apoio tornou-se hostilidade: o desterro do ministro para longe da côrte e o descredito que lhe lançaram sobre o nome aquelles mesmos que o tinham elogiado, vinham facilitar a demolição da sua obra administrativa que teria attingido a Universidade, se Dom Francisco de Lemos, já então bispo-coadjutor de Coimbra, não defendesse com altivez e dignidade a reforma pombalina.

A reacção que immediatamente se seguiu, apezar do prazer apaixonado de destruir, não logrou já corromper e inutilizar a vida nova que impulsionava o organismo universitario.

---

(1) Theophilo Braga, *obr. cit.*, III, pag. 428 e segg.

Reappareciam as perseguições por motivos religiosos e como victimas de denuncias, eram presos e condemnados pela Inquisição, o grande mathemático José Anastacio da Cunha e varios estudantes accusados de deistas, encyclopedistas, herejes e naturalistas.

Para a França emigravam Filinto Elisio e Brotero que viria a ser depois professor da Universidade e um dos maiores botanicos do mundo.

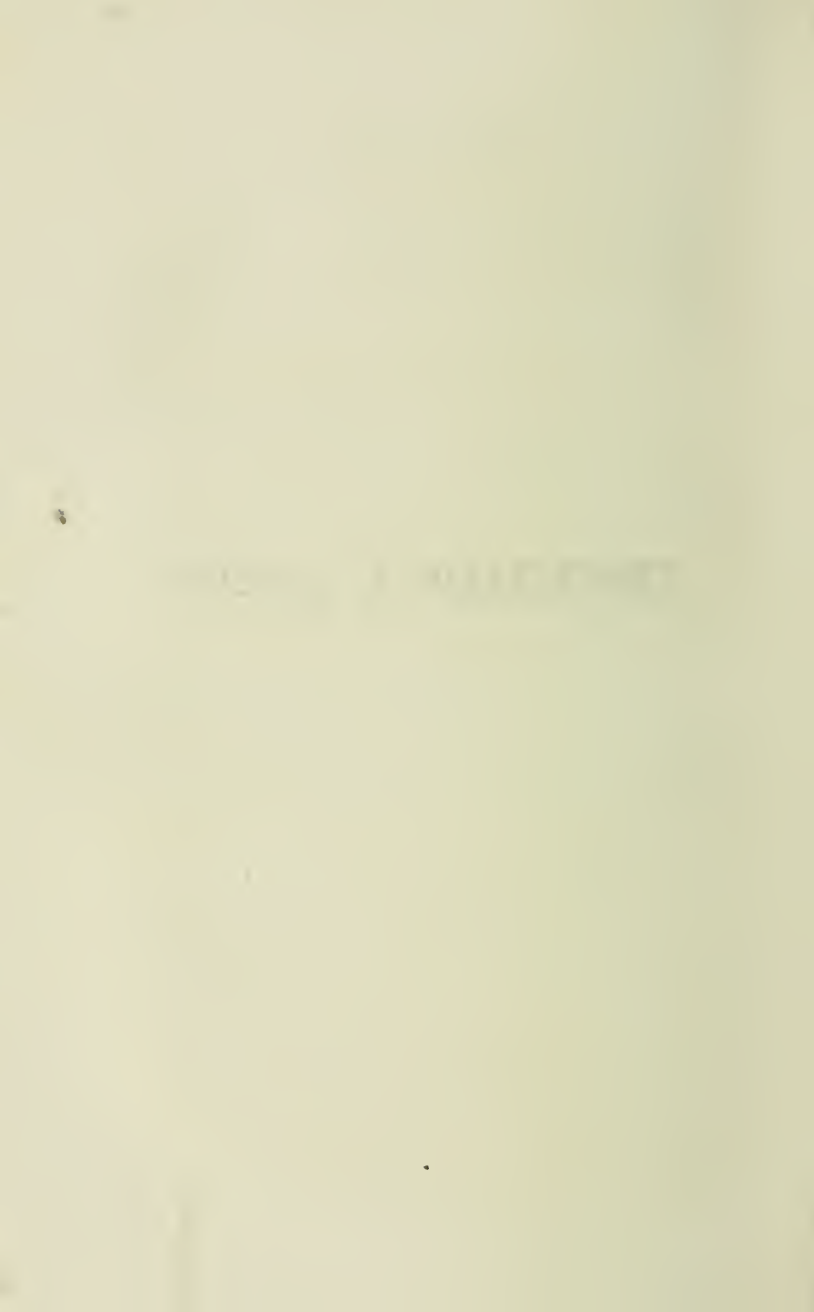
Pouco tempo depois, no governo reitoral do Principal-Mendonça, começou a circular em Coimbra um poema heroi-cómico manuscrito, em verso branco, intitulado *Reino da Estupidez*, satyra violentissima contra os lentes, cheia de allegorias, com boas referencias á reforma pombalina e elogios ao doutor Monteiro da Rocha.

O poema que não se recommendava pelo valor literario, teve comtudo o merito de provocar respostas, por se suppôr ser escrito por algum lente affecto ao Marquês e produziu nos espiritos tal revolução que fez caír o Principal-Mendonça.

Depois do reitorado de Dom Francisco Raphael de Castro, voltava a ser nomeado para o governo da Universidade, Dom Francisco de Lemos que começou a exercer as suas funcções com rigor inquisitorial.

Após uma desordem entre a academia e os milicianos de que resultaram alguns ferimentos e perturbações na cidade, propunha ao governo um regime disciplinar que ía desde o exame do catecismo aos estudantes, até ás buscas nas livrarias para evitar a leitura de maus livros, no anno de 1804!

A obra de Pombal continuava a ser minada, mas a estructura era tam resistente e tam racional a nova organização dos estudos que a Universidade manteve, através do periodo constitucional, a feição que os estatutos de 72 lhe imprimiram.

E ainda hoje, por entre a alluvião de diplomas que a regem, não é difficil descobrir traços vivos da mão poderosa do estadista que na reforma da primeira escola do país tem um merecido titulo á sua glorificação.

LIBERDADE E AMOR

LIBERDADE E AMOR

> Lysia, Lysia, não tremas, não receies,
> Que um novo faxo a liberdade accende!
> Pelos alheios erros insinados
> Saberemos fugi-los.
>
> GARRETT — *Lyrica.*

A resistencia que a cidade de Coimbra oppôs aos francêses-invasores foi devida em muito ao enthusiasmo com que os estudantes, logo de principio, defenderam a causa nacional, ao tempo em que pastoraes de bispos e do patriarcha aconselhavam cordura e submissão ao Libertador!

Em junho de 1808, a organização do *corpo académico* recomeçava a ingerencia dos estudantes nos negocios politicos, que tam valiosa já fôra nas guerras da restauração.

Formava-se um destacamento de voluntarios que sob o commando do estudante Bernardo Antonio Zagalo, sargento de artilharia, partiram

para a Figueira da Foz onde tomaram aos francêses o forte de Santa Catharina, rendendo-os pela fome e trazendo para Coimbra alguns presos e diversas munições.

Nas successivas campanhas contra os invasores, ao lado dos rudes soldados da Beira, nas mais arriscadas operações de ataque e defesa, estiveram gloriosamente os estudantes da Universidade.

Ao regressarem as bandeiras do exercito anglo-luso que foram arvoradas nas planicies da Gasconha, dando fim ás guerras peninsulares, entregou-se a academia a grandes festas religiosas, musicas e outeiros a que toda a cidade se associou.

A acclamação de Dom João VI foi ruidosamente festejada em Coimbra e como a Universidade se encontrasse a celebra-la no dia do anniversario da do Mestre de Avís, logo a coincidencia traduziu favor celeste e ao convento de Santa Clara, no dia seguinte, foi em prestito, devotamente, toda a academia e o corpo cathedrático.

A pompa ritual do cortejo não satisfez os estudantes e resolveram elles mesmos promover festas, em honra de Sua Majestade-Clemente.

Pela Via-Latina erguiam-se imagens symbolicas das seis faculdades, entre caprichosas

illuminações, liam-se maus versos glorificando o rei que ainda continuava a gozar a commodidade de fugitivo no Brasil aonde seguramente o não fariam estremecer de susto as bombardas francêsas.

Debaixo das janellas do Paço reitoral, por onde appareciam lentes e convidados, fazia-se um *outeiro* apparatoso e para generalizarem o regosijo (contam memorias escrupulosas da epoca) os estudantes visitaram os presos da cidade e levaram-lhes alguns soccorros.

Ás luctas civis, a partir de 1820, estão ligadas tradições nobilissimas da Academia de Coimbra pelo desinteresse e pela bravura com que o Batalhão Académico se bateu a favor da liberdade.

A primeira queda da constituição, jurada mêses antes, veiu alegrar a gente conservadora da Universidade, obesos fradalhões e servidores pacatos da monarchia divina, calvos, de lenço de Alcobaça pendente e velhos legistas com barba de sarrilhão, chumbados ás cathedras, remoendo eternamente textos profundos das Pandectas.

Os estudantes liberaes perturbaram a festa da *Salla dos Capellos,* tangendo *cucos* nos gorros e fazendo disturbios, mas dias depois, chegava de Lisbôa uma alçada que recebia

de mestres delações contra discipulos e de estudantes entre si, num odio de partidarismo ferrenho.

Alternadamente festejava-se na mesma sala o triumpho da liberdade e a conservação dos *inauferiveis direitos majestáticos*.

Foi num dos *outeiros* liberaes que Garrett appareceu com a sua cabelleira romantica a recitar á assistencia, rodeado da suspeita de jacobino e carbonario, a ode dirigida ao *corpo académico* que começa:

> « Ergo tardía voz, mas ergo-a livre
> Ante vós, ante os ceus, ante o universo,
> Se os ceus, se o mundo a minha voz ouvirem » (1).

Pouco tempo antes já elle fôra escolhido pelos camaradas para redigir o officio ao governo, defendendo as intenções dos academicos revolucionarios e concluía: « *Contem V. V. Ex.as, conte a Nação toda, com os corações, com as vozes, com as pennas, com os braços e até com as vidas de todos os academicos* ».

Para a protecção reciproca e como nucleos de resistencia ao odio absolutista, tinham-se formado em Coimbra varias sociedades secretas,

---

(1) *Lyrica de João Minimo*, 3.ª ed. 1858, pag. 147 e segg.

á semelhança do que se passava em Lisbôa: a loja *Sapientia,* a dos *Chicaras* e outras.

Havia fama de uma terrivel, a dos *Divodignos* que mais tristemente se veiu a notabilizar. Quando Dom Miguel regressou a Portugal, uma deputação da Universidade e do cabido ía a Lisbôa levar os cumprimentos ao rei absoluto e provavelmente as denuncias dos estudantes mais conhecidos pela exaltação das suas *ideias francêsas.*

Treze dos *divodignos,* sorteados, vão assalta-los proximo de Condeixa, matam a tiro os doutores Jeronymo Joaquim de Figueiredo e Matheus de Sousa Coutinho e ferem gravemente o deão Antonio de Brito, o conego Pedro Falcão Cotta e Menezes e José Candido de Sá Pereira e Castro, sobrinho do primeiro (1).

Ao aviso duma mulher que dum alto presenciara o crime, acudiu logo bastante gente, começando uma força de tropa a perseguir os estudantes que se tinham dispersado pelo campo.

No dia seguinte, 19 de março de 1828, chegavam a Coimbra algemados, no meio da multidão que os esperava além da *ponte,*

(1) Joaquim Martins de Carvalho, *Apontamentos para a historia contemporanea,* pag. 93 e segg.

nove dos estudantes que deram entrada na cadeia da Universidade donde seguiram para Lisbôa.

Ali fôram sentenciados e conduzidos pelas ruas com baraço e pregão ao logar da forca, no Caes do Tojo, a Santa Apolonia, onde fôram decepadas as cabeças e mãos dos reus mais culposos, para serem expostas nos angulos do patibulo, até o tempo as consumir.

A iniquidade desta sentença é uma das muitas violencias partidaristas e representa pelas condições de instrucção do processo e pela edade dos reus, uma monstruosidade juridica sem par.

Para sacudir o absolutismo, com a mesma fé dos cavalleiros medievaes, Luz Soriano, José Estevam e outros juravam sobre as espadas nuas, morrer por sua dama — a Liberdade.

Garrett com outros estudantes mais perseguidos tinha-se exilado ha muito e, emquanto o absolutismo tripudiava sobre alguns cadaveres de inimigos, o *Batalhão academico* ia novamente constituir-se e combater heroicamente no cerco do Porto contra a hoste miguelista em que se encontrava a maior parte dos professores validos.

O estabelecimento definitivo do regime liberal não restituiu aos estudos a tranquilidade

antiga: vexações e vinganças continuaram ainda sobre os vencidos, demittindo professores das cadeiras e obrigando outros a jubilarem-se.

No grande periodo que decorre até ao *dissidentismo,* as gerações careciam de elevação mental, arrefeceram os ideaes e a força bruta imperava em certos nucleos de valentões, como os da republica do Carmo.

Começou a differenciar-se o *urso,* aquelle que estudava para as aulas com a mira de ser lente, um typo odioso que nunca se associava ás comesainas, passeatas e motins nocturnos.

A vida publica continuava entanto a impressionar os estudantes e a provocar dissenções e audacias: quando o rei Dom Fernando ia ao encontro de Saldanha, era esperado na ponte de Santa Clara por um grupo diabolico de rapazes que, tendo atravessado uma trave para lhe tomar o passo e pegando nas redeas do cavallo, obrigaram o rei a dar vivas ao marechal.

Pelo entrudo de 54 houve em Coimbra graves tumultos entre os estudantes e os futricas a que deram origem as eternas provocações de parte a parte.

As desordens repetiram-se tres ou quatro dias, com tiroteio nas ruas de que resultaram

varios ferimentos e, já cansados de pedir providencias baldadamente, reuniram-se no Largo da Feira duzentos estudantes, resolvendo partir para Lisbôa a queixarem-se da população da cidade.

Poseram-se a caminho, avançaram até Tomar, a pé, onde os veio encontrar Roussado Gorjão que o governo (duque de Saldanha e Rodrigo da Fonseca Magalhães) encarregara de os dissuadir do intento com promessas de generosidade.

A seguir, uma larga amnistia para os processados e condemnados e a concessão de meios de transporte para Coimbra ou para as terras da naturalidade, punham termo á celebre *Tomarada* de que reumáticos juizes ainda falam com os olhos humidos da saudade duns vinte annos fogosos em que a velhice encontra justo orgulho para nos desdenhar.

A *Liga Academica,* sociedade secreta, destinada á resistencia e defesa contra a população de Coimbra, já não havia enthusiasmo que a alentasse e breve se extinguiu (1).

A vida escolar era uma sequencia de cinco annos de formatura em odio aos códigos e medo ao lente, sem manifestações de vitalidade ou força, até que o nucleo intellectual de

(1) Martins de Carvalho, *obr. cit.,* pag. 241 e seg.

que sairia a *escola coimbrã,* reagindo contra velhas theocracias e assimilando as novas correntes philosophicas e esthéticas, alargou os horizontes do pensamento.

Liam-se com avidez Strauss, Hegel e Müller, entrava o espirito critico com Renan e Michelet e as ideias socialistas de Fourier e Prudhon.

O ensino era atrazado, a voz dos mestres parecia vir da distancia dum seculo — alheios todos aos estudos de economia e religião e á politica europeia que tam vivamente interessava os espiritos moços.

Sentia-se demolir o passado, o curso da Universidade era uma penitencia a cumprir para entrar decentemente na vida, ouvindo ronronar longas citações latinas de fradescos prelectores que punham á prova a paciencia daquelles iconoclastas que já riam da missa do Espirito Santo.

A Universidade, nublada de formulas e preconceitos, não distinguia o clarão de largo idealismo que seduzia tantos espiritos de poetas.

« O ar de Coimbra, de noite, andava todo fremente de versos. Por entre os ramos de choupos mal se via com a nevoa das nossas chimeras... » (1).

---

(1) Eça de Queiroz, *In Memoriam.*

A academia de Coimbra redimia o país e fazia-o commungar no espirito moderno, quando numa ou outra cathedra apenas, se começava a defender, quasi a medo, a philosophia do patriarcha Augusto Comte.

O Theatro Académico era a escola de rhetórica. Nelle se fizeram brilhantes estreias, prenunciadoras de triumphos parlamentares e forenses.

Lá se representaram dramas e comédias, escritos em tres dias, dentro do quarto, ali se applaudiram grandes notabilidades scénicas e se reuniram as assembleias geraes, abrazadas de colera.

Generosos até á audacia, insubmissos até ao sacrificio.

Vieira de Castro, rubro de indignação, erguia-se sobre um banco na sala dos Capellos e invectivava ardorosamente a injustiça dum jury.

Para resistir aos rigores disciplinares do reitor Sousa Pinto que tornou obrigatorio o uso da volta de padre, meia preta e calção, formou-se a *Sociedade do Raio* que reunia alta noite, na treva dos pinheiraes, como sinistros conspiradores.

A furia formalista do prelado chegou ao ponto de obrigar a converter a batina na antiga loba, abotoada atrás e riscava dos cur-

sos por um ou mais annos, o estudante de quem tivesse simples denuncias.

Na festa de distribuição de premios, mal elle começou a falar, a academia voltou-lhe as costas, saíndo em massa para o pateo.

Anthero do Quental, luminosa figura de rapaz, que uma geração adorava, redige um manifesto ao país que por intermedio dos jornaes apreciava injustamente as razões e os intuitos da rebellião, e o reitor foi demittido.

Pouco tempo depois, na primavera de 64, a academia reunia-se para solicitar da graça regia a « exempção da ultima prova publica que o estudante dá no finalizar do anno ».

Alegavam a velha tradição, o exemplo da rainha constitucional em 38, que dispensara os actos no anno do nascimento do principe herdeiro, e accrescentavam lamurientamente: « Uma prece ao throno nunca ficou em silencio. Não é perdão que pedimos, aqui não ha reu. Pedimos graça: voar depressa ao centro da familia, para junctos orarmos a Deus pela dilatação das vidas do rei e da rainha de Portugal: para o ceu deixar caír orvalho benefico sobre a existencia tão cara e tão necessaria do principe D. Carlos » (1).

---

(1) *O Conimbricense*, de 30 de abril de 1864 e os numeros seguintes até 7 de junho.

A representação foi enviada ao doutor Vicente Ferrer, par do reino e reitor, que prometteu interessar-se pelo bom exito della perante o chefe do governo, duque de Loulé.

Em pouco dias era expedida uma portaria, negando o perdão de acto e admoestando os supplicantes com razões sensatas, cujo rigor de forma deu pretexto á irritação dos estudantes que provocaram tumultos, queimando á Porta Ferrea um boneco de palha, representando o Rolim, o duque, de cujo appellido a questão se chamou *Rolinada.*

Partiram em seguida para o Porto em numero superior a trezentos, deixando as aulas quasi abandonadas e produzindo nas escolas daquella cidade um grande alvoroço.

O vice-reitor por um edital, convidava os rapazes ao regresso, em termos paternaes, os habitantes de Coimbra, lesados nos seus interesses, intervinham no conflicto, levando uma representação á camara dos deputados a pedir medidas conciliatorias.

No parlamento onde Thomás Ribeiro defendia com ardor a representação e a causa dos estudantes, houve longas e agitadas discussões, até que os rebeldes, vendo perdidas as ultimas esperanças, voltaram do Porto a recomeçar a frequencia, com promessas de amnistia para todos os delictos derivados do movimento.

A questão degenerou do parlamento á imprensa, servindo especulações politicas, pugnou-se pela faculdade de concederem graus academicos as escolas medicas, pediu-se a transferencia da Universidade para Lisboa, e foi então que começaram os sustos para a população de Coimbra, renovados ao menor motivo.

Os acontecimentos produzidos na occasião dos actos, violencias e tentativas de incendio ás casas de alguns professores que levaram um conselho a suspender os actos, elucidam com alguma clareza a ingenuidade da primeira representação...

Passam cada anno gerações romanticas, declamando em serões de velhas damas da rua do Correio ou do Corpo de Deus, o *Noivado do Sepulcro* e a *Judia.*

Epoca de guitarras e serenatas a deshoras, com amores de virgens tisicas, de brancura ascetica, que morriam em noites de lua, coroadas de flôres de laranjeira, *pallidas e loiras, muito loiras e frias.*

Visões ossiânicas estimulando, hora a hora, a sentimentalidade de nossos avós que tantas vezes prendiam de coração as tricanas saudosas de sonho, até as levarem para a provincia onde ficavam ricas donas de porte heraldico e

fidalga distincção, muito longe da lida consumidora e monotona do *ferro*.

Nos recessos da Alta ha janellas desertas onde as trepadeiras secaram de abandono e se adivinham escadas de corda, descendo levemente no silencio amigo das noites de amor.

Sobre cada pedra se fez uma jura, em todas as esquinas havia memorias de corações partidos de magua ou rasgos generosos de aventura que envergonham o calculismo frio da nossa edade.

Nas balladas de despedida, chorava o côro, de olhos em alvo, o enterro fatal das mocidades que voavam para a vida, sacudindo lenços brancos, molhados de lagrimas, com infinita saudade...

Adeus! Adeus!...

O centenario de Camões que parece ter acordado dum somno de morte a nação portuguêsa, ao ouvir gritar o nome do maior dos seus filhos — teve no seio da Academia intensa repercussão.

Em 1880 fôra o notavel sarau da Universidade e do Instituto, no anno seguinte era a festa das estudantes, ruidosa, alta e patriotica, cuja memoria se guarda em Coimbra inconfundivelmente.

A agitação de espirito que taes festejos despertaram, o grande cortejo de apotheose antes da inauguração do monumento, o enthusiasmo dessa ultima geração que deixou de si alguma coisa de util, fizeram passar um fremito vivificador no corpo do velho Portugal.

A geração do *ultimatum* ainda sacudiu pelas ruas de Coimbra o seu odio sincero contra a covardia duma nação poderosa, mas o país mergulhava tristemente na *fatalidade historica,* não lhe escutou os gritos, nem as nobres palavras dum ministro conseguiam ergue-lo para a desaffronta, porque a resistencia seria uma loucura.

CEMITERIO DE SAVDADES

CEMITERIO DE SAVDADES

> Esta palavra *Saudade*
> Aquelle que a inventou,
> A primeira vez que a disse
> Com certeza que chorou.
>
> AFFONSO LOPES-VIEIRA — *O Meu Adeus.*

Tradições de cinco seculos enevoaram de lendas o horizonte da historia.

De Coimbra onde deixava as illusões quasi toda a mocidade de Portugal, iam a fama da aventura, a luz dos grandes ideaes e os versos de amor mais inspirados que a alma portuguêsa já cantou.

Vir para Coimbra de uma provincia distante, era correr um perigo e illuminar-se de sabedoria, adquirir arte e manha e ficar um *letrado* para oraculo do povo.

De seculo em seculo, foi ella a Meca do pensamento, gloriosa dos capellos medievaes que já poisaram decorativamente nos hombros dos glossadores de Bolonha.

Nestes campos passaram reis de aço a flagelar a moirama, resplandeceu em milagres a santidade de Isabel de Aragão, morreram de amor nobres damas, em transes de martyrio. Entre a esperança de uns e a saudade de outros, envolveu-se de maravilhoso a cidade, num veu de sonho que já não existe.

Agora, a lenda de Coimbra dissipou-a a luz do gaz, o caminho de ferro escarneceu-a, veiu mata-la o progresso.

Pelas ruas tortuosas onde se erguem palacios ensanguentados e nos escuros de muralha onde se cruzaram lanças gloriosas, ainda se agita a multidão de capas que mancham de negro a verdura viva da paisagem, mas os estudantes têem o ar cansado de conselheiros diabéticos e formando-se, aprendem um officio.

O mesmo ambiente dulceroso — as encostas por onde se funde ao largo a prata das oliveiras, envolvendo a cidade num sorriso claro.

O rio não ha quem o cante, espavoridas, desgrenhadas, fugiram as Mundágides, no dia em que o comboio passou a rír em gargalhadas de ferro fundido.

Para a banda das *Lágrimas*, já o dedo hesita em apontar a fonte que vira o martyrio da linda Ignês, cuja lenda tristes amores não conseguiu enternecer a sêca erudição dos archeologos.

Em desprezo ao mundo, religiosamente solitários, velhos mosteiros amargurados de saudade, branquejam pelas collinas e quando a tarde cai, ás horas do côro, ainda os sinos chamam a vesperas, como outróra, ao sacudi-los a mão lymphática da monja.

Na paz dos crepusculos, vibrações sonoras descem das torres, melancolicamente, e o ar enche-se de religião e agonia, a envolver as arvores e os montes, todos quietos, a rezar.

E a lenda morre, dolorosamente: os poëtas perderam o gosto de amar, já não trocam quadras por beijos, nem as raparigas lhes sabem os nomes para suspirarem por elles.

As tricanas assinam jornaes de modas, discutem politica com paixão, ríem dos romances com que as mães choraram de pena, quasi todas se lastimam de *neurasthénicas* e parecem foragidas da Ilha de Lesbos!

O veterano folgasão pede ao caloiro licença para o troçar e, se a colher surge, anachronicamente, das dobras da capa, o novato sabe correr ao telephone, pedindo ao comissario o auxilio da Ordem.

O caloiro de hoje nunca passa pelos Palacios Confusos no seu desdem pelo antigo: habita nos bairros novos, em claros e ricos *appartements,* cuja mobilia, comprada por centenas de mil reis, dá conforto a numerosos convidados

para o *chá das cinco,* servido com o formalismo dum almoço de embaixada.

Cada estudante é um janota com figurino a quatro horas de Lisbôa; a *sebenta* que o Manuel das Barbas litographou emquanto o deixaram e que fixava como a antiga apostila, o verbo do mestre, passou ha annos a ser impressa e o lente começa a babuciar aos intimos palavras communs sobre assuntos de arte.

Nas ruas, já os professores aboliram o traje clerical que lhes occultava a plastica e raro é hoje o decano que atravessa a rua para ir a conselho de capa e gorro, por habito antigo. E tudo é agora tam novo, tam outro do que era dantes que a gente vive aqui da magua infinita do que se perdeu: Coimbra é um cemiterio de saudades.

NOTAS

NOTA A

Supplica do clero portuguez ao romano pontifice sobre a creação do estudo geral em Lisbôa.

Ao Santissimo Padre e Senhor, pela divina Providencia Summo Pontifice da Sacrosancta Igreja de Roma: Nós, devotos filhos vossos, o Abbade de Alcobaça, o Prior de Santa Cruz de Coimbra, o Prior de S. Vicente de Lisbôa, o Prior de Santa Maria de Guimarães secular, e o Prior de Santa Maria de Alcaçova de Santarem e os Reitores das Igrejas de S. Leonardo de Atouguia, de S. Julião, e S. Nicolau, e Santa Euria, e Santo Estevão de Santarem, de S. Clemente de Loulé, de Santa Maria de Faro, de S. Miguel, e Santa Maria de Sintra, de Santo Estevão, de Alenquer, de Santa Maria, S. Pedro, e S. Miguel de Torres Vedras, de Santa Maria de Gaya, da Lourinhã, de Villa Viçosa, da Azambuja, de S. André de Extremoz, de Beja, de Mafra, e do Mogadouro, beijamos devotadamente vossos pés bemaventurados.

Como a Real Alteza importa ser não só ornada com as armas senão tambem armada com as leys, para que a Republica possa ser bem governada no tempo da guerra e paz; porque o mundo se alumeya pela sciencia e a vida dos Santos mais cabalmente se informa para obedecer a Deus, e a seus Mestres, e Ministros, a Fé se fortalece, a Igreja se exalta, e defende contra a heretica pravidade por meyo dos varoens Ecclesiasticos. Por todos estes respeitos; Nós os acima, nomeados, em companhia de pessoas religiosas, Prelados, e outros, assim clerigos como seculares dos Reynos de Portugal, e Algarve, havida plenaria deliberação no caso, intervindo a inspiração divina e movendo-nos a particular e commũa utilidade, consideramos ser mui conveniente aos reinos sobreditos, e a seus moradores, *ter hum estudo geral de sciencias,* por vermos que á falta d'elle muitos desejosos de estudar, e entrar no Estado Clerical, atalhados com a falta de despezas, e descõmodos dos caminhos largos, e ainda dos perigos da vida, não ouzão, e temem ir estudar a outras partes remotas, receando estas incommodidades, de que resulta apartar-se de seu bom proposito, e ficar no estado secular contra vontade. Por estas causas pois, e muitas outras uteis, e necessarias, que seria dilatado

relatar por meudo, praticamos tudo, e muito mais ao Excellentissimo Dom Diniz nosso Rey, e Senhor, *rogando-lhe encarecidamente se dignasse, de fazer, e ordenar um geral estudo na sua nobilissima Cidade de Lisbôa* para serviço de Deus, e honra do beatissimo Martyr S. Vicente, na qual Cidade escolheu Nosso Senhor Jesu Christo sepultura a seu corpo.

Ouvida por este Rey, e admittida a nossa petição benignamente, com consentimento d'elle, que he o verdadeiro padroeiro dos Mosteiros, e Igrejas sobreditas, se assentou entre Nós, que os salarios dos Mestres, e Doutores se pagassem das rendas dos mesmos Mosteiros e Igrejas, taxando logo o que cada huma avia de contribuir, reservando a congrua sustentação. Pelo que, Padre Santissimo, recorremos em final aos pés de Vossa Santidade, *pedindo-lhe humildemente queira confirmar* com a costumada benignidade *huma obra tão pia, e louvavel,* intentada para serviço de Deus, honra da patria, e proveito geral, e particular de todos.

Dada em Monte mór o novo a dous dos Idus de Novembro da era de 1326.

NOTA B

Satyra, na data de umas cadeiras a um fulano de Figueiredo que era torto de um olho; a um fulano Correia, judeu:

Ah que del-rei que morreu
O nosso Pedro dos Reis!
Por que vem a ensinar leis
Um tortoles com um judeu!
Acuda-me o povo meu,
Que é necessario gran peito
Para ver que sem respeito
Andam jogando as pancadas
Um judeu com leis sagradas
Um torto com o Direito.

Vede que boas liçoens
Estes dous vos podem dar!
Um póde cabras guardar,
Outro, por cabras, cabroens.
Quem lhe tirara os calçoens,
Pra sacudir-lhe o cotão;
Pois nunca vos servirão

Nem de pouco nem de muito,
Uma figueira sem fruito,
Uma Correia de cão.

O judeu e o zarôlho
Ambos se deram de pé;
Porque um manqueja na fé,
Outro manqueja d'um olho
Quem os puzera n'um mólho
Como o bom Silva deseja
Para que n'elles se veja
Cumprida a letra perfeita:
Tarde o torto se endireita;
Guardar do cão que manqueja.

Ambos são do mesmo olhar
Cegos, tortos, aleijados,
O judeu por seus peccados
O torto por se entortar.
Oh! quem os fora lançar
Para sempre nas galés!
Por olharem de travéz,
Condemnados com certeza,
Um por lei da natureza
Outro por lei de Moysés.

Bem claro e notorio é
Que são cegos: não o nego
Que um mais que outro é cego
Pois não vê a santa fé!
Quem o vira dizer *mé*
Em uma choupana afogado
Por ser mestre declarado
Não d'estas nossas escolas
Mas de quantos mariolas
Tem a bezerra adorado.

Pois o torto é um rocim
Que não merece cevada
O judeu não sabe nada
Nem ainda ladrar latim:
Oh! quem fizera um motim
Para o lançar ao povo;
E se por rasões os movo,
Fizeram um bom conselho:
Que um não serve por velho,
Outro não serve por novo.

Tenho por certa rasão
Que nenhum escapa d'esta;
Que um é unha de gran besta,

Outro nariz de gran cão.
Quem lhes dera um bofetão
Com que o torto se fizera
Mais direito do que era
E ao judeu por bem das gentes
Lhe botára fóra os dentes
Para que mais não mordera!

Certo é para sentir
Meus senhores estudantes
Ver lentes a dois bragantes
Que muito são para rir:
Que não se sabem vestir
E veem n'esta occasião
Por alta ordenação,
A ler nas nossas Geraes;
Dois cerrados animaes,
Um por burro outro por cão.

Não vençam logo taes lentes!
Se vierem sejam mortos;
Se não direi que sois tortos
E do Correia parentes.
Sêde muito diligentes
De lançardes taes indinos

De vos darem taes insinos;
Que andem por esses alquebres;
Um d'elles a tornar lebres
Outro a desmamar meninos.

« *Poesias e Prosas ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, com uma prefação e notas de Camillo Castello Branco, Porto, 1868* ».

É a collecção dos escritos que se encontraram dum bohemio de talento que se graduou em direito, á volta do anno de 1594.

Contem entre outras coisas engraçadissimas, o « Regimento escolastico para os estudantes, que se achou no ventre de uma toninha ».

NOTA C

No manuscripto n.º 390 da Bibliotheca da Universidade, fl. 311 e seg. lê-se este curioso documento:

Satyra dos estudantes contra os frades

São graves estudantes bem nascidos
P.ª falar com freiras escolhidos,
Os frades porcalhoens, e mal criados
São em todos seos gostos desgraçados.
E logo querem ir com tudo ao cabo
Fedendo a bedum como o diabo.
Q̃ couza tão alegre, e tão galante
He ver chegar a grade hũ estudante
Q̃ conceitos, q̃ graça, q̃ aviso
Parece qualquer delles hum Narciso
He bem aventurada
A freira que de estudante he namorada
Pois ja se aconteceu q̃ entre paredes
Em calçoes, e gibão hũ dia o vedes
Bom calção, bom gibão, meya sapato.
Do frade tudo he contrario o trato
Porq̃ hade trazer por pura força
Sapatoens, e calcoens de saragoça.

Ver como hum estudante ali se obriga
Q.do toca hũa mão de sua amiga.
O frade cuida quando sem ventura
Se lhe não chega logo a furçura
Oh lobos carniceiros
Q.tos sobre estes diabos nos mosteiros
Hũ estudante sobre seos ardores
Encobre ancia, descobre amores,
Á sua dama fez aly mil tiros
Com lagrimas ardentes, e suspiros,
E com humilde rogo
Alivios pede abrazado em fogo.
O frade achão aperto muy penoso
Com huns olhos está de cão raivozo
Não acha couza q̃ o satisfaça
Tem apena dos gatos de Alcobaça
é possivel q̃ queira
Saltar dentro engolir a freira.
E hũ estudante por não envergonhar-se
busca palavras comq̃ explicar-se,
e sendo ás vezes a petição justa
mostra q̃ esse pedir sempre lhe custa
e com discretos meyos
p.a lhe chegar o fim busca rodeos.
O frade Ds̃ nos livre logo atira
ao fito, e se a freira se retira
nem discripção, nem paciencia tem
p.a sofrer hũ só desdem:
á furia se provoca

e qual besta escuma pela boca.
hũ estudante diz: minha S.ª
Conceda-me a gloria nesta hora
pois q̃ vejo essa mão tão cristalina
de ma deixar tocar deidade divina
p.ª q̃ a alma experimente em tempo breve
q̃ augmentão incendios essa neve
p.ª q̃ com tal prenda
sendo ja vosso outra vez me renda.
O frade diz: o lá S.ʳª freira
ja saberá de mim esta mangueira
q̃ não venho aqui a dizer dittos
arregasse essas mangas, ou manguitos.
Deme logo essa mão
não queira ter comigo isenção.
Hũ estudante diz: Idolo dalma
q̃ dos sentidos meos levais a palma
não me queirais matar, q̃ vos adoro
doei-vos destas lagrimas q̃ choro
de minha dor indicios
damor premicias, d'alma sacraficios.
Hũ grande dor q̃ he isto faz-se grave
olhe minha S.ʳª não me agrave
q̃ me irei por aquella porta fora
e a deixarei aqui em bem má hora;
de q.ᵈᵒ acâ com frades
se costumarão uzar taes gravidades.
Hum estudante diz: Estou penando
por q̃ se vay o dia acabando

ay doce vida minha q.m podera
de ter do sol o curso em sua esfera
por q̃ gloria tão alta
Amo q̃ eide morrer se essa me falta.
Hum frade diz: Bofé q̃ he isto?
He q.do m.to de hũ doente apisto,
eu não me sinto ainda tão enfermo
q̃ me queira pagar só deste termo
q̃ esta bugiaria
he comer papas em almantolia
isto he minhas manas o que pasía.
Se inda achais q̃ os frades tem mais graça
ahy os tendes lá vo los deixamos;
comq̃ nos deixẽ anos nos contentamos,
acaba-se esta briga
façamos pazes cada hũ sua sorte sigua,
mas não cuideis perdemos nosso brio,
porq̃ dizem, entrou em desafio
o roixinol e o cuco, e não faltou
q.m de musico o cuco mais gabou:
juiz sereis vós agora
vos frades escolhei em m.to boa hora.

NOTA D

No manuscripto n.º 390 da Bibliotheca da Universidade encontra-se, sem indicação de auctor, um poemeto allusivo á ida da Academia de Coimbra ao Alentejo para tomar parte nas campanhas da Restauração.

Segundo a Bibliotheca Lusitana, *tom. 3.º pag. 273, é Simão Torresão Coelho, poeta do seculo* XVII, *o auctor da composição que a seguir transcrevo:*

Relação da Jornada q̃ os estudantes fizerão afronteira do Alentejo em 6. de Nouembro de 1645 por ordem de Sua Mag.de sendo Reytor da Un.de M.el de Saldanha da gloriosa memoria.

Musa repotreada
q̃ em brandos almadraques recostada
ha tanto q̃ repouzas
sem q̃ pena te dem do mundo as couzas,
tu que de amor cantaste mas ha dias

e de seus disparates ja te rias
julgando só bonança
passar o tempo em requie folgança,
a cabeça levanta do chumaço
erguete do palhaço
para dar a meu canto eterna graça
os braços aregaça
e desenfiando-me o juizo
me enfunde tanto auizo
q̃ ouzadamente possa
cantar com gloria hũa acção nossa.
uem correndo everas na Lisia terra
de entre os braços da pas nascer a guerra
e nos braços de Marte furebundo
ensocego da pas estar o mundo.
não te peço trombeta
q̃ isso te pedira qualquer Poeta
e as q̃ podias ter aparelhadas
supponho q̃ estarão muito ocupadas
nem minha uos sospira
per plectro nẽ per cythara nẽ lira
dame hũa samphonina
de meu asumpto e de meu canto digna,
instrumento de cego
celebre as companhias do Mondego
chegate neste instante
cantemos Deos diante
ambos de camarada
com a causa e successos a jornada.

ja saberas leitor q̃ antiguamente
se quem escreve fabulas não mente
teue a Deosa Minerua hũ desafio
com Neptuno seu tio
em q̃ ficou uencido
e ficou de ficalo tão sentido
que por este respeito
nunca mais a sobrinha olhou direito
antes sempre procura
metterlhe trinta pedras na ferſſura.
soube q̃ o castelhano
para uingar o dano
q̃ as armas portuguezas
lhe fizerão guardando as fortalezas
q̃ sustentando estão na sua terra
determina a nossa fazer guerra.
á terra quem tal dis porcerto mente
q̃ a pedras fes a guerra tão somente
fazendo tantos esquadroes guerreiros
o q̃ fazer puderão dous pedreiros.
para fazer a sua se apparelha
agarra da occazião pella guedelha
sae do fundo do mar e sacudindo
da agua q̃ lhe uem delles caindo
a seus negros cabellos
com as mãos esfregando os olhos bellos

se assoa e cospe fora
e se uai donde o Ds̄ Jupiter mora.
não saberei dizer se foi nadando
nem sei se foi uoando
ou se foi caminhando deligente
se leuaua o Tridente
ou se hia de Titões acompanhado
só saberei dizer q̃ foi chegado
e q̃ a sala primeira
sahio com bigoteira
o sõr seu irmão a recebello.
porem chegando a uello
muito ligeiro logo fora a deitar
e com as mãos os bigodes endereitar
q̃ antes de lhe dizer Neptuno nada
lhe deu os profaces da jornada
e depois de passado
aquillo de bem uindo e bem estado
sem tratarẽ de assento
lhe descobre Neptuno o pensam.^to

Desta sorte lhe diz, os luzitanos
a quem das teu fauor ha tantos annos
teue no seu Reyno q̃ he de ti mimoso
hũ exercito imigo poderoso
e posto que he verdade
que se pode tirar em quantidade

em Portugal de muitas partes gente
eu sei onde esta hũa mui ualente
q̃ fas ranchos de noite
e da per qualquer couza m.^{to} asoute
tras facas e pistollas;
ja sei q̃ he nas escollas,
Jupiter lhe responde mui sezudo,
que ha muito que informado estou de tudo
e tambem sei q̃ outrora
lançarão baetinhas logo fora
por irem defender a patria terra
he gente mui briosa para a guerra.
Neptuno lhe replica q̃ festeja
de o uer inclinado ao que dezeja
presidelhe o saldanha
gloria de Portugal temor de Hespanha
daquella parte digo
onde tem suas terras o inimigo
e o sal de q̃ compoem seu appelido
tinha do castelhano, tem ja cido
q̃ esta gente guerreira
muitas uezes lhe pos sal na moleira
se elle vai a Castella aquelle estado
ha de ficar de sal bem sameado.
ese Neptuno os Euangelhos lera
o uos estis sal terrá, aqui trouxera
q̃ porq̃ aplicação lhe não faltara
prouarão muito Illustre lho aplicara
e posto q̃ Minerua

com privilegios tantos os reserva
para ensegura pas reger a guerra
saibão agora como pica a guerra
não auer la se ha sugeição q̃ exceda
a não lhe permittirem trazer seda
uão uer qual mais magoa e mais lastima
se as sentinellas se as lições de prima
não se satisfazer de andar armados
e saberão a que sabe o ser soldados.
Não diz Neptuno mais nem lho acceitara
Jupiter q̃ prepara
logo, logo a jornada
por que em ser apreçada
nem q̃ conciste o bom sucesso della
e assy não quer detella
e de guerra a os cientes concelheiros
despede caminheiros
que sendo cada qual certeficado
do celeste mandado
a Coimbra escreuerão
e do presente aperto conta derão
aonde derepente
ferue no peito logo o sangue a gente
capitães nomeados
alistão seus soldados
e como uem q̃ a fama
aonde os feitos seus celebre os chama
todos logo se partem
e os corações lhe partem

as maguas da partida a toda a ama
com dor maior q̃ a mais amante dama
q̃ em tal ausencia a mais amante e casta
para passar hũ habito lhe basta.

Foi Salas o primeiro
que deste terço se partio guerreiro
os transtaganos leva, a q̃ na guerra
incita a defenção da patria terra.
Alures o segundo q̃ se segia
detras os Montes e da Beira fria
companhia valente
de belicosa gente.
e o Leite o terceiro a q̃ acompanhão
la das terras q̃ o Douro e o Minho banhão
soldados mui luzidos
q̃ com muitos Beirões levava unidos.
e o quarto o Delgado
q̃ uai acompanhado
de transmarinos, e olysiponenses.
Aos Conimbricenses
o Alferes Zembado gouernaua
porq̃ o capitão Gomes ca ficaua.
o restante acompanha
ao famoso saldanha
Cesar segundo ao mundo
no tempo mas nos brios sem segundo

a quem fas igualmente o nome eterno
das armas e das letras o gouerno.
e foi esta partida
dos grandes e pequenos tão sentida
que por toda a Cidade so se ouvião
lamentações das penas que sentião.

Dezia a uendedeira
ah dou o demo a uida e a canceira
coitada da pobreza
de Coimbra se vai toda a riqueza
dos meus ouos uiuia
q̃ compraua a dous reis e a tres uendia
e com quatro maçans determinaua
o dinheiro ganhar que me faltava
quem mos comprara agora
praza a Deos q̃ em ma hora
o castelhano uenha
e q̃ mao grado elle tenha;
Amem amem responde hũa vezinha
q̃ de lauar a roupa o officio tinha
todos nisso perdemos
que só com os estudantes ganhos temos
e a mi sos quatro rs̃ me sustentavão
que de lauar-lhe a roupa elles me dauão.
naquella q̃ ama era não falemos
fas em logar das contas mil estremos

que tanto o sofrimento lhe atropella
faltarẽ-lhe as sopinhas da panella.

as que famulos tinhão
q̃ aos reaes de adubos as mantinhão
desta arte se queixavão
q̃ aos marmores mais duros lastimavão.
Ay cada qual dezia
que se foi meu bem minha alegria
não pello que me daua
com elle couersaua
q̃ meu amor não he intereceiro
a sua graça era o melhor dinheiro:
supposto que he verdade
q̃ não ha que queixar porq̃ a metade
do q̃ furtar podia
ao bulle bulle logo mo trazia
se souberas cruel q.to te amo
deras ao demo as honras, e a teu amo
e nem por ella nem por elle usaras
comigo tal rigor q̃ me deixaras
quem te fes tão leal e tão honrado
q̃ te vas por brioso a ser soldado?
se ha menos de dous dias
q̃ do açougue na mão carne trazias
nunca te conhecera
para que tanta pena não tiuera.

a de patas ou monho rosagante
q̃ lhe fas competencia ao guarda infante
que tem seu pensamento
posto em amar que aspira a cazam.[to]
de outra sorte da sorte se queixaua
e a uos no triste canto requintaua

Lux de meus olhos que por ti são Rios
a quem leuão a guerra honrados brios
norte de meu cuidado
sol da Aurora nos braços eclipsado
como he possiuel q̃ indo desta sorte
donde arisques a uida e medes a morte
não chega a darma a dor desta ferida
deue ser q̃ sustento a triste uida
no gosto de cuidar que uou morrendo
senão he perq̃ entendo
que como te acompanha
teras menos perigo na Campanha
que leua encomendado
q̃ ainda que se perca andes guardado
e sempre no conflicto auentureira
se ade pôr ella ás ballas a primeira
porem para melhor assegurarme
bem puderas a tua ca deixarme
porque seras com ella
receyo do rigor de minha estrella

q̃ entrando a minha as ballas o inimigo
fique som.[te] a tua no perigo.
estas outras rezoes ao ar lançaua
q̃ amor em tanta pena lhe ensinaua:
Olhem no q̃ me ponho
sem duuida que sonho
Amor no mundo esta galante historia
o amor ja morreo Ds lhe de gloria
e som.[te] a senhora
Venus q̃ he sua may florece agora.
Disse-o Camões conforme o q̃ imagino
mais culpa da May que do menino.

em q.[to] estas taes queixas repetião
e que a jornada sua outros fazião
mui lestes e legeira
foi a Contronelina parideira
a Athenas onde Minerua estaua
e lhe referio tudo o q̃ passaua.
ella se partiu logo
irada como fogo
e ante Jupiter alto se apresenta:
Meu pay q̃ desta filha te esqueseste
q̃ de hũa cabeçada ao mundo deste
pois desamparala deixas
não deixes de escutar lhe suas queixas.
Nos estudantes de Coímbra posto

estaua meu amor tinha meu gosto
q̃ são entre os demais os escolhidos
para amados de mim para queridos
tão mal naquelle reyno mos tratarão
q̃ ao seruiço de Marte mos leuarão
tem me fora de mim estes cuidados,
os estudantes quem os fes soldados?
q̃ tem os uademecos cos mosquetes?
que tem os murrões cos seus barretes?
que tem com o murrão luuas de cheiro?
quem fes frasco de poluora a tinteiro?
q̃ tem com couras de anta as sotanicas?
q̃ tem com as penas as ferradas piquas?
q̃ tem as pateadas
com carregas cerradas?
q̃ fara cada hũ quando se veja
onde o dia de guarda o peior seja
se per fazer paredes afamados
a reformar a ponte são leuados:
Muitas vezes paredes fabricaram
porem ja maes em pontes trabalharão.
e pois para escusar-lhe esta jornada
andei Pay e sõr tão descuidada
a Coímbra outra ves as de trazermos
e leuarmos em pas e defendermos
q̃ se de algũ a vida for pedida
p.ª perder a vida
renuncia Minerua a diuindade
q̃ sem elles não quer eternidade.

depoem filha Minerua esse cuidado
ja basta o q̃ mos tens encomendado
elle responde q̃ eu te affirmo e digo
q̃ ão sempre de leuar a pas comigo
e se em deixalos ir me determino
he por causas occultas do destino
que isto esta decretado ha muitos dias
deixa agora cumprir as profecias.
Larga o receyo esquece todo o medo
q̃ dentro de Coímbra os ueras cedo.

emquanto la nos ceos isto passava
toda a gente escolastica chegava
a terra donde vem os pucarinhos
q̃ tão cheirosos são tão douradinhos
e q̃ dẽtro nas trincheiras ja metidos
das letras esquecidos
e da Vniuersidade
todo o q̃ intenta ter comodidade
a procurar boleta se offerece
mas não sei q̃ me esquece
fraca memoria he esta
palmadinha na testa
me dai senhora Musa
q̃ a tanto esquecim.to não se escuza.
Assy uarios successos
onde se uirão de valor excessos

q̃ eu queria espalhar pello uniuerso
mas tanto preço não me cabe em uerso
mil conquistas de Carros e jumentos.
mas pois não chega a tanto o canto nosso
deixo q̃ cante a fama q̃ eu não posso
q̃ para tanto empenho
pena de aguia não tenho
e quero escreuer so pello barato
aquillo a que chegar pena de pato
por isso não cuideis q̃ me esquecia
de contar a grandeza e bizarria
com q̃ o saldanha foi na praça entrado
de muita e boa gente acompanhado
a praça gouernaua
porq̃ então nella estaua
Vasconcellos prudente e generoso
q̃ Pallas, e Belona fas famoso
sendo como endis por sempre acertado
na execução das armas esforçado.
Passados alguns dias
mandarão se ajuntar as companhias
q̃ o forte vasconcellos uer dezeja
a gente q̃ vyera da peleja
juntas e logo a gente bellicosa
e como fôsse toda tam briosa
tem por afronta ser arcabuzeiros
e todos determinam ser piqueiros
porq̃ de seu ualor fazendo alarde
se enjurião com armas de cobarde

e assy todos colericos e irados
os que não uão piqueiros uão picados
fasse amostra gentil e os q̃ se acharão
de quinhentos passarão
e mais algũa gente q̃ inda auia
de seiscentos o numero fazia
sendo qualquer no forte e no galante
Marte de flor narciso de diamante
muito bastante mente os encareço
a quem lhes pede uotos me pareço
mas elles querem doce em tais officios
mais do q̃ na palaura em papeliços.
Logo mui breuem.te
se tornou a juntar a mesma gente
para que postos em esquadrão formado
aprendesse a doutrina de soldado
onde cõm galharda gentileza
admirou a escolastica destreza.

chegado o outro dia
quando apenas ainda amanhecia
a marchar lhe tocarão
e marchar os mandarão
p.a Eluas a forte para onde
de Castello Melhor estaua o Conde
q̃ sem este socorro
quanta gente la tem não ual hũ porro

e fazer guerra intenta ao Castelhano
com a flor deste Reyno Lusitano
porem receo m.^to^
que se lhe murche a flor sem lhe dar fruto
porq̃ de seu uergel em estando fora
não está sem murcharse hua so hora
sapato de malhão se calção todos
e per diuersos modos
os pés largos, os corpos aligeira
todos estão postos em fileira
partem emfim leuando em companhia
dous terços mais de paga Infantaria
de paga, mal peccado
acho en q̃ o soldado
ou por soldar q̃ ao pobre de rompido
cobre mais a gadelha q̃ o uestido
ouindo o nome paga respondera
se o q̃ elle quer dizer inda soubera
hũ de fortes Beirões q̃ entre as castanhas
contão menos ouriços q̃ façanhas
porq̃ a Beira entre as flores dos ouriços
da por fruito Veriatos e Magriços
e outro da gente de entre Douro e Minho
q̃ por este caminho
lhe leuaua a vanguarda
ficando-lhe aos Beirões na retaguarda
postos nesta ordenança caminharão
tè q̃ a Borba chegarão
q̃ com dous bes no nome bem parece

q̃ os deuotos de Baco fauorece
a tempo q̃ ja os palafrens cançados
tinha o sol da carroça desatados,
e a carrancuda antipoda do dia
tudo de negras sombras reuestia
uendo que era chegada
descançarão aqui da caminhada
negro descanço foi, negro repouso
tanto q̃ a dizer ouso
q̃ esta noite a completa estão rezando
da festa q̃ os estaua la esperando
dentro em Eluas aonde padecendo
q̃ ão de rezar dos Martyres entendo.

ja no jardim do ruiuo desbarbado
tinha a Aurora cortado
cantidade de rozas e boninas
q̃ espalhaua nas horas matutinas
quando a uos do tambor e da trombeta
ja de Marte os soldados inquieta
ja ja caminhão
saem de Borba e a Eluas encaminhão
com dous terços de mais da infantaria
da Ordenança q̃ na praça auia
dos quais dous era hũ dos moradores
da terra donde são tantos senhores
com q̃ escritorios Portugal penetras

e não menos por armas que por Letras,
de Thomar digo Villa deleitosa
a quem o gosto fas tão populosa
que deste nosso Reyno a mais da gente
lhe cabera num bairro tão somente
outro do Priorado
do Crato celebrado
e quando hũ pouco andado ja tiuerão
junto a Villa Visosa alto fizerão
emq.[to] pello terço se esperaua
da nossa armada que na Villa estaua
e aonde aos q̃ passauão não se esconde
q̃ esta de Villa franca o nobre Conde
q̃ rege entre guerreiros
companhias gentis de auentureiros
saidos estes todos uão marchando
com som de marcha quando
hũ auiso se daua
a quem os ditos terços gouernaua
que apto para mandallos e regellos
Joanne Mendes se diz de Vasconcellos
q̃ os nossos batedores descobrirão
algũns caualos q̃ de longe uirão
e porq̃ para escusarse algũ aperto
ha muitos dias q̃ os não uem de perto
os quais do Castelhano parecião
q̃ outros escondidos ter podião
para q̃ dar pudessem de emboscada
na gente descomposta e descuidada

mudou de alguns a cor de sobresalto
mandouse fazer alto
e tanto q̃ formados estiuerão
os seis terços por ordem se puzerão
os fortes militantes
recolherão no meio os estudantes
foi porq̃ se em aperto algũ se uissem
de coração ualente lhe seruissem.

Bailhar agora hũ pouco bem podemos
pois liures do perigo ja nos uemos
não se olhava entre todos p.ª parte
aonde quadaqual não fosse hũ Marte
q̃ a uinda do enemigo q̃ esperauão
como se brodio fõsse a dezejavão
e as ballas das clauinas refreadas
do Porto canellões erão julgadas.
Marchando em som de guerra
opprimida dos pes tremia a terra
se bem não sei se algũ porq̃ tremia
q̃ tremião os campos parecia.
porem uamos nisto manço e quedo
q̃ cuidarão q̃ alguns tiuerão medo
e desta belicosa e braua gente
não se presume tal, quem diz tal mente.
assy pois se marchou com bizarria
o restante do dia

até q̃ com a noite q̃ chegaua
a paciencia, e dia se acabaua
q̃ os estudantes pouco acostumados
a ter taes desenfados
os pes punhão no chão por tais maneiras
q̃ parecem leuar todos frieiras
e como elles mochilas não leuauão
e as amas em Coimbra lhe ficauão
não auia entre todos quem achasse
que lhe fizesse a Cea ou lha leuasse.
cada hũ se acalentaua
com uer Villa Boim q̃ perto estaua
onde lhe parecia
que descançar a noite poderia
porẽ sendo chegados
e uendo q̃ adiante erão passados
não me atreuo a pintallos
quero cubrir-lhe o rosto e deixa-los
inda q̃ a noite escura
o mesmo com seu manto lhe procura
de seus galhardos brios alentados
a eluas são chegados
bem recebidos da militar gente
porem da terra mal e suja mente
q̃ estaua a Cea muito mal mexida
e a cama muito dura e mal batida
q̃ como forão tantos conuidados
todos ficarão mal agasalhados
procurauão saber no outro dia

o q̃ delles o Conde desporia
teuesse por noticia
que so mente os antigos na melicia
ao campo sairião
e q̃ elles dentro em Eluas ficarião
e q̃ inda da saida duuidauão
porq̃ o rigor do tempo receauão.

Neste tempo Neptuno q̃ chamada
a consistorio tinha a filharada
Brontes, Forco, Albione, Fara, Neleso,
Theleço, Ocasto, Pelasgo, Nitas,
Glo, Esterope, Nax, Theo, Melioro,
.... (1)
e outros que nomeados
no liuro deuem estar dos baptizados,
esses uersos agudos me concente
porq̃ os tem feitos ja mui boa gente,
com toda a mais cerulea diuindade
q̃ era hua numerosa cantidade
o que fizera a todos relataua
e dos intentos seus conta lhe daua.
A mão na barba posta ja comessa
entre elles de asenar com a cabeça
e seguro pregoa

(1) *Inintelligivel.*

que a Minerua lhe tem feito hũa e boa
que auia de sentir dizia agora
o desgostilho q̃ lhe dera outrora
e com tal segurança
por certa tinhão todos a uingança
quando Tritão chegaua discomposto
perdida a côr do rosto
q̃ de vinte mil cores se fazia
e mui mal de afamado se bolia
não tras farrapo enxuto de suado
nem pode dizer nada de cançado
mas cõ dilatar-se não procura
as palauras mistura
com o ar q̃ tomaua
que as uezes ao sair lhas estoruaua.
com proueito Neptuno te cançaste
lhe diz e m.to bem negociaste
fizeste os estudantes ao perigo
ir de uerem no campo o inimigo
dentro em eluas estão todos metidos
Mas de Minerua estão fauorecidos
e assy q̃ ão de ficar dentro dos muros
onde mais que em Coimbra estão seguros
q̃ se tu os de Troya taes fizeras
em pé hoje este dia inda os tiueras.
Isto he o que se soa
la no famoso porto de Lisboa.
Não mais Tritão lhe diz Neptuno irado
que isto se faça a hũ Ds̃. autorizado

que assy Minerua os estudantes guarde
Mas pois de poder tanto fas alarde
uer quero agora se uingar-me posso
ajuntasse de todo o poder nosso
não falta quem mede por Companheiros
os uentos e chuveiros
e pois q̃ causa foi hũa oliveira
deste disposto meu desta canceira
ficando-lhe a Minerua consagradas
as arvores pacificas amadas
ei de obrigar com ellas aos soldados
a q̃ os olmaes sejão destorçados
so para uer se pode ella guardallos
ou se pode de muros rodeallos
fas logo as tempestades mouer guerra
não so ao mar porem tambem a terra
cae-lhe no mel a sopa
com tal occazião acerta e topa
porq̃ no campo estaua infantaria
q̃ de oito mil infantes passaria
apertados do frio para o fogo
a maes vezinha lenha buscão logo
nas oliveiras saltam
e de sorte as assaltão
que sem ter resistencia jarretando
as vão sem do cortando
e os q̃ ficauão uendo acarretallas
tambem partem ligeiros a buscallas.
quem uio de Mermidonia os accedentes

descorrer a Caminho deligentes
hũus buscando as cargas dezejadas
e outros uindo com ellas carregados.
Na mesma quantidade
discorre a soldadesca mocidade
e não menos solicitos carregão
os verdes ramos que á fugueira entregão.
A chuva continua o uento cresce
e tanto se padece
q̃ ja não tão som.[te]
Lenha p.[a] queimar trazia a gente,
mas barracas fazião de oliveira
compostas de maneira
q̃ do uento e da chuva os defendessem
para q̃ menos dano lhes fizessem
de sorte q̃ no campo qualquer dia
ser Domingo de ramos parecia
e os ramos deste modo deramados
deixavão uerse os troncos desarmados
q̃ no duro rigor desta procella
fic̃ou a aruore sua muita della.

em tanto os estudantes
q̃ a praça residião uigilantes
porq̃ todos de balde não uiessem
nem por m.[to] ociosos se perdessem
entrar de guarda hũ dia são mandados

p.ª verem se o pano dos soldados
lhes contenta na mostra
mas ja nelles se mostra
q̃ pello q̃ uem nelle não tem traça
de se uestirem delle nem de graça
mas os q̃ na campanha
sofrem do tempo a pertinacia estranha
uendo q̃ a chuva e uento
crescia em tanto augm.to
que quando imaginauão q̃ acabaua
então com noua força comesava
vendo q̃ o resistir a tempestade
era mais q̃ valor temeridade
o recolher se tem determinado
e por estar Neptuno ja uingado
não lhe estorua este intento
antes quasi lhe louua o pensam.to
q̃ posto q̃ a uingança pertendia
ja de uingar-se tanto se doía.
logo a Cidade chega disto a fama
que entre todos se espalha e se derama
disse q̃ os estudantes tem licença
p.ª poder partir-se sem detença
elles q̃ de alegria em si não cabem
quando ha de ser o dia ja não sabẽ
e porq̃ o dezejauão
inda desta uerdade duuidauão
cada qual ao Castello caminhava
para saber de serto o q̃ passaua

porq̃ como o saldanha aly assistia
sabem q̃ o certo aly se saberia
e tanto que se uem certeficados
não esperão das mallas carregados
carros caualgaduras nem bagagem
mas poem os pes ligeiros a viagem
quem uio ja sobir pedra por maroma
q̃ uagarosa toma
sobida da força uiolentada
mas se vio da corda desatada
tudo quanto subio tão lentam.[te]
deçe tão derepente
que quem a ve duvida
se antes de desatada foi caída.
Pois desta mesma sorte
a escolastica gente nobre e forte
a q̃ a té qui cõ tal uagar trazia
dando me as forças suas atalia
ja solcada maroma caminhaua
e de tal sorte o centro seu buscaua
q̃ velozes andarão
caminho em q̃ gastarão
de dias numerosa quantidade
com tanta breuidade
q̃ de Eluas inda apenas mal sahião
quando passando a ponte ja se uião.

FINIS

INDICE